



**Terras indígenas não demarcadas
ameaçam tradição de povos
originários . Pág. 10**

**A presença feminina nos estádios:
as vozes e força que ecoam nas
arquibancadas do futebol em BH . Pág. 14**

Ano 51 . Ed. 363 . Junho de 2024 . Jornal-laboratório do Curso de Jornalismo . Faculdade de Comunicação e Artes . PUC Minas

em sala de aula

*"Meu amor
Olha só, hoje o Sol não apareceu
É o fim da aventura humana na Terra"*

**Tragédia no Sul do Brasil
reacende alerta sobre mudanças climáticas
que ameaçam o futuro do planeta**



MARCO conquista o primeiro lugar na Expocom Sudeste 2024

Hannah Andrade . 2ºp
Letícia Nogueira . 2ºp

O jornal Marco alcançou o primeiro lugar na Expocom Sudeste 2024, na categoria Jornal Laboratório.

Para Getúlio Távora, coordenador geral do jornal desde 2023, este prêmio é uma realização: "É um reconhecimento do trabalho árduo dos alunos nas duas edições finais de 2023, que foram produzidas sob minha coordenação. Aos 32 anos de carreira como jornalista e 26 anos como professor, ter esse prêmio é um orgulho, principalmente pelo esforço dos alunos", destaca.

O que é Expocom?

A Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom) é uma das mais importantes premiações no campo da comunicação no Brasil, que avalia trabalhos experimentais desenvolvidos nos cursos de graduação em Comunicação de todo o país, para promover a inovação e a qualidade na área.

A conquista do primeiro lugar na etapa regional Sudeste abre caminho para a participação na etapa nacional, que ocorrerá de 3 a 6 de setembro: "Nós estamos fazendo todos os esforços para participar da edição nacional do prêmio, pois cada reconhecimento engrandece a universidade e o curso de jornalismo", afirma Getúlio.

O prêmio

Fernanda Sanglard, professora da FCA e uma das editoras do jornal, elucida que o prêmio diz respeito não somente a edição premiada, mas sim a toda a trajetória do jornal e sua sólida história e percurso na PUC Minas. O Marco é um dos poucos jornais, segundo ela, que faz uma produção ininterrupta da produção jornalística, contabilizando mais de 40 anos de produção jornalística, além de manter seu modelo de impressão.

"O prêmio é um reconhecimento justo para o trabalho sério e dedicado que é feito no jornal". Para Fernanda, é uma importante forma de valorização do jornalismo universitário pela preservação histórica dos valores e da ética, além de garantir aos alunos a possibilidade de participar ativamente de todas as nuances que constroem um jornal, ganhando um portfólio sólido e premiado para o mercado de trabalho.



Vivendo e aprendendo

Edilson Nicolau, monitor e aluno do oitavo período, compartilha a importância do prêmio em sua vida: "Receber essa premiação no Expocom Sudeste 2024 neste momento (formando), é como coroar todos os aprendizados e ensinamentos que recebi ao longo dos últimos quatro anos. Além disso, participar de um evento como o Expocom me permitiu expandir meu networking (...) e conhecer pessoas com experiências relevantes na área da comunicação. Isso abre novas perspectivas para o meu futuro, inclusive (...) na pesquisa acadêmica."

Mariana Brandão, monitória e estudante do terceiro período de jornalismo na PUC São Gabriel, aconselha os estudantes de jornalismo a se envolverem ativamente desde o início: "Procurem saber como participar, escrevam para o Marco ou outros projetos da faculdade. A PUC Minas oferece muitos recursos, e os professores estão sempre dispostos a ajudar. Aproveite a faculdade para explorar tudo. Eu nunca imaginei que trabalharia na TV, e hoje adoro o meu estágio na TV Horizonte."

Edilson concorda: "Acho que nós, estudantes, devemos explorar todas as atividades extracurriculares disponíveis, porque essas experiências complementam a nossa formação acadêmica e enriquecem seu currículo. A experiência do 'Marco em Sala de Aula' me permitiu receber o meu primeiro prêmio na matéria 'Mercado Novo: onde cultura e história se funde', na 11ª edição do Prêmio de Jornalismo da CDL. Caco Barcelos foi quem entregou o prêmio, além de estar ao lado de grandes nomes do jornalismo mineiro".

Planos para o futuro

Com prêmios como este, o Marco continua a cumprir seu objetivo: "é um veículo de comunicação produzido na universidade, que leva conhecimento para fora e traz a interação externa para dentro do ambiente acadêmico", destaca Getúlio. Essa conquista também é mais um capítulo do legado do Marco, que demonstra a dedicação de todos os envolvidos e inspira futuras gerações de jornalistas na PUC Minas.



Editorial

Como é tradição, no projeto Marco Em Sala de Aula os alunos da disciplina Jornal Laboratório da PUC Minas produzem as reportagens para a última edição do semestre. Abrindo o jornal, damos ênfase à matéria sobre as mudanças climáticas que têm afetado todo o planeta, com destaque para a tragédia das enchentes que abalaram o Rio Grande do Sul. Também no caderno de Meio Ambiente, destaca-se o impacto dos grandes edifícios na temperatura de Belo Horizonte, bem como a influência da mineração na prática de esportes radicais em Minas.

Nas 20 páginas desta edição, a editoria Cultura ganha destaque com o maior número de matérias. O impacto que a Lei Paulo Gustavo tem gerado no setor cultural de Poços de Caldas, a produção do audiovisual brasileira e as dificuldades enfrentadas pelo setor são algumas delas. Além disso, destaca-se a estreia do breaking como modalidade olímpica.

Em Esportes, há foco especial no futebol feminino, abordando tanto a valorização da modalidade quanto os obstáculos enfrentados, entre eles o machismo. Na seção Cidade, os temas vão de limpeza urbana a questões sociais como o racismo estrutural e a violência policial nas periferias da capital, além da exploração mineral e o clássico Caldense e Vulcão, em Poços de Caldas.

Em Sociedade, as matérias refletem sobre as inseguranças territoriais, a ampliação do conceito de família, e finalizam abordando a importância do mês do orgulho para a comunidade LGBTQIAPN+. A Educação também é pauta nesta edição com temas que abordam o ensino de jovens e adultos no Brasil, métodos de aprendizagem, a carreira de jovens seminaristas que trocam a vida secular pela religião, e um debate sobre educação inclusiva. Por fim, na seção de Economia, são tratados assuntos como a uberização do trabalho, a adoção de carros elétricos e o empreendedorismo local. Boa leitura!



EXPEDIENTE



Faculdade de Comunicação e Artes



Coordenador de Jornalismo Praça da Liberdade:
Profº Pedro Vaz Perez

Coordenadora de Jornalismo Poços de Caldas:
Profª Cintia Murta

Editor Geral:
Profº Getúlio Neuremberg

Editora Gráfica e Projeto Gráfico:
Profª Dulce Maria Albarez

Editora Campus São Gabriel:
Profª Fernanda N. Sanglard

Monitores Coração Eucarístico:
Amanda Pena
Ana Clara Ribeiro
Arthur Corrêa Camarano
Bernardo Alves
Gabriela Reis
Gabriel Arlindo
João Vitor Rangel
Júlia Vida
Karen Cristina
Márcia Ferreira
Mateus Naurath
Rayssa Moura

Monitores São Gabriel:
Davison Henrique
Edilson Nicolau
Felipe de Paula
João Augusto
Mariana Brandão

SUCURSAL PUC SÃO GABRIEL
Rua Walter Ianni, 255
CEP 31980-110 . São Gabriel
Belo Horizonte . MG
(31) 3439 5210

Diretora da Faculdade de Comunicação e Artes:
Profa. Adelina Martins

Chefe de Departamento:
Profª Viviane Maia

Colegiado do Curso de Jornalismo C. Eucarístico:
Profas. Viviane Maia e Iara Franco

Colegiado do Curso de Jornalismo São Gabriel:
Prof. Getúlio Neuremberg e Adriana Ferreira



Na era do TikTok, todos os dias novos produtos "viralizam" na velocidade em que perdem sua fama, alimentando um processo industrial de consumo "ultra".

Gabriela Alves . 3ºp
Guilherme Ferreira . 3ºp
Ilana Ceci Penido . 3ºp
Lara Pozzolini . 3ºp

À medida que as novas demandas do mercado de moda emergem, acentuadas pelo aumento do consumo de produtos online, fenômenos como os famosos "Hauls" - vídeos de usuários mostrando suas compras - "Arrume-se comigo" e "Beauty Challenge" - desafios de maquiagem - ganham popularidade na rede social em ascensão, o TikTok, e passam a definir um novo formato de criação de conteúdo para plataformas digitais.

Ancorada na ideia de que qualquer usuário pode gerar conteúdo e influenciar um grande público, essa tendência abre espaço para uma nova categoria de influenciadores, os "tiktokers".

Atrelado ao conceito de Indústria Cultural, a historiadora Camila Braga explica que no contexto de uma sociedade historicamente explorada pelos meios de produção e instigada pelo desejo alienante de consumir, a "plataformização" do consumo fomentada pelas redes sociais - TikTok e Instagram - gera uma necessidade incessante de se consumir o que "está na mo-

Plataformas digitais impactam novos comportamentos no consumo de moda

Redes sociais transformam formas de consumo de moda e revelam como compras online e novas maneiras de apropriação do fast-fashion conquistam consumidores em todo mundo

da" sem fazer uma reflexão sobre estilos e gostos, que, assim como ocorre no próprio processo industrial, em que os hábitos de consumo são moldados e fabricados aos interesses daqueles que detêm o poder de ditar qual será a próxima tendência.

"A Indústria Cultural, o próprio termo diz, você está levando a cultura para uma escala industrial. Ela necessita de padronizações (...). Quando você vai produzir alguma coisa em escala industrial, esse consumo também vai ter que ser em escala industrial (...). Quando eu padronizo o gosto das pessoas, fica mais fácil delas consumirem.", pontua a

historiadora.

Diante da nova dinâmica de mercado, marcas "fast-fashion" e "ultra fast-fashion" já estabelecidas no digital - Riachuelo, Renner, Shein e AliExpress - ganham mais espaço. Seguindo a jornalista e influenciadora Bruna Furlan, o fortalecimento da presença dessas marcas se deve à rapidez das tendências de moda. Anteriormente, limitadas às passarelas das principais Semanas de Moda pelo globo, agora, as marcas de moda rápida utilizam-se das redes sociais como uma ferramenta insubstituível no fortalecimento de conexões com consumidor

e influência de novos padrões de consumo desenfreado.

Ao contrário do frenético fluxo de produção de tendências, a democratização do acesso à moda destaca-se como a principal qualidade das "fast-fashion". E-commerce, como a chinesa Shein, ao apresentar peças de roupas, acessórios e maquiagens semelhantes às exibidas por grifes de alto luxo, tornam o consumo de moda mais acessível às massas. Ampliando o leque de opções de vestuário, novos públicos, anteriormente não considerados pelo mercado Slow Fashion, passam a ter acesso a roupas alinhadas com as tendências do momento, ain-

da que atravessados pelo ciclo infinito da padronização.

"Eu via muitas pessoas gordas falando que tinham que comprar aquelas roupinhas, que era tudo voltado para pessoas mais velhas, era uma calça e uma blusa larga. (...) Essas pessoas têm o direito de ter acesso. Na Shopee, na Shein, em qualquer um desses lugares, tem numeração, tem com, e num valor. (...) Também tem que pensar em como isso é produzido ... tem tantas questões, mas pensando por esse lado, é uma forma de dar acesso a esses grupos que muitas vezes não tiveram acesso a isso", finaliza Camila Braga.

Empreendedorismo mineiro

A tradição de Minas Gerais ultrapassa os limites geográficos

Amanda Gabrielle . 3ºp
Ana Luísa Maciel . 3ºp
Júlia Melgaço . 3ºp
Larissa Gino . 3ºp

Minas Gerais é um estado com muitas tradições e o mercado regional é uma delas.

Existem diversos empreendimentos mineiros, como farmácias, supermercados e fabricantes de bebidas e comidas características que ultrapassam os limites geográficos, conseguindo alcançar reconhecimento nacional e até mesmo internacional.

Lilian Correia Santana, superintendente da Câmara de Dirigentes Lojistas de Belo Horizonte (CDL), conta que o empreendedorismo em Minas Gerais ganhou mais força há



Produtos mineiros se destacam nas prateleiras dos supermercados

duas décadas, a partir do momento em que as escolas e faculdades começaram a trabalhar disciplinas sobre o tema, educando sobre a importância do assunto, além do surgimento de empresas especializadas em auxiliar principalmente os pequenos empresários a crescerem. A partir de atitudes como essas, o ramo conseguiu começar a se destacar no estado. O empreendedorismo faz crescer e consolidar uma economia ao longo dos anos, principalmente quando ele se torna uma pauta fundamentada. Ele vai ser matéria de faculdade, ele vai ser pauta de discussão no setor público, ele tá na pauta de políticas públicas e explica Lilian.

A superintendente da CDL ainda comenta a importância de que a empresa entenda qual caminho ela deve seguir através, principalmente, um estudo do público no qual a organização tem interesse em atingir e de qual história ela deve contar para se tornar relevante no mercado: "talvez as nossas marcas de mais sucesso das últimas décadas tenham alcançado isso por terem reconhecido o nível de exigência do público mineiro".

A trajetória de um empreendimento nem sempre é fácil. Lilian conta que, em comparação aos Estados Unidos e outros países, o Brasil não é um país que prioriza a cultura do empreendedorismo, apesar de muito já ter sido avançado nas últimas décadas. Entretanto, algumas empresas e marcas mineiras conseguiram se destacar, como a Drogaria Araujo e o Supermercados BH, além dos fabricantes Xequê Mate e Forno de Minas. Os empreendimentos citados precisaram se planejar, tanto no ambiente econômico, quanto no marketing para entender as diferenças de cada região



Drogaria Araujo está entre as dez maiores redes de farmácias do país

explica Marina.

Sendo uma estratégia planejada ou não, é possível dizer que as grandes marcas mineiras citadas anteriormente podem ter conseguido se destacar no mundo comercial justamente por alcançar a confiança dos mineiros e, consequentemente, se inserir no estilo de vida das pessoas. Alguns empreendimentos se destaca-

ram não apenas em Minas Gerais, mas conseguiram ultrapassar as fronteiras nacionais, sendo uma nova bebida presente no carnaval em vários estados do Brasil - caso do Xequê Mate -, ou rompendo até mesmo fronteiras internacionais, levando o pão de queijo, comida típica mineira, para outros países - caso do Forno de Minas.



O Xequê-Mate agora faz parte da vida noturna dos jovens não só em BH, mas no Brasil inteiro.

Carros elétricos impactam o cenário econômico nacional

Entenda como os carros elétricos influenciam a economia e o meio-ambiente

Hadrlian Oliveira . 3ºp
Lucas Rodrigues . 3ºp
João Augusto . 3ºp

Segundo uma pesquisa feita pela Associação Brasileira dos Veículos Elétricos (ABVE), a venda de carros elétricos (carros que possuem o auxílio de uma bateria) aumentou em torno de 145% no primeiro semestre de 2024, indicando crescimento significativo na preferência dos brasileiros pelos elétricos. Segundo o estudo, o dado foi impulsionado por mais investimentos na infraestrutura de

recarga, incentivos do programa governamental "Mover" e uma ampla oferta de modelos e campanhas de divulgação realizadas pelas montadoras. Atualmente, o Brasil tem cerca de 4.300 estações de recarga, segundo a startup Tupinambá Energia. Outro fator que deve ser levado em consideração para esse aumento nas vendas é a procura dos consumidores que buscam se locomover de forma eficiente e com baixo custo. Com o avanço tecnológico, os carros elétricos têm dividido a atenção dos consumidores entre o já consi-



Oficina mecânica Auto Japan Honda unidade Raja Gabaglia, Estoril - 02/03/2024

fiável carro a combustão e os movidos a eletricidade. Dessa forma, todos os parâmetros do mercado relacionados com os automóveis podem ser modificados no futuro. Com uma possível diminuição dos carros movidos a combustíveis fósseis, a emissão de carbono na atmosfera irá diminuir os poluentes associados a uma variedade de problemas de saúde, além de diminuir a quantidade de matérias primas do meio ambiente na produção de automóveis. De acordo com um estudo da Tupinambá Energia, os carros elétricos emitem cerca de 50% menos gases de efeito estufa do que carros à combustão durante toda sua vida útil. Considerando essas mudanças futuras no mercado automotivo, supervisor de estoque da Hyundai, Aender Santiago, detalhou que, por enquanto, as vendas dos elétricos não estão impactando a dos carros à combustão de

forma muito agressiva, mas houve um aumento significativo, e espera-se um grande impacto no futuro. Santiago disse que a venda dos combustíveis fósseis, no futuro, irá perder espaço para energias limpas, afetando diretamente os postos de gasolina, que terão que se adaptar para atender um público diferente. Aender ainda comentou que as oficinas mecânicas terão que investir em mão de obra qualificada para não perder clientela. Entregador técnico da BMW, João Lucas, relatou que com a chegada dos elétricos e, principalmente, dos elétricos chineses, o mercado automotivo teve um baque por conta dos baixos preços em comparação com marcas mais renomeadas no mercado brasileiro, forçando a diminuir os valores dos carros para competir com os asiáticos. Houve uma crescente demanda comparada ao ano de 2022 em que foram comercializadas

8.458 unidades comparadas a 19.310 unidades em 2023, segundo dados fornecidos pela Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA). Com uma manutenção mais barata, um custo menor por quilometro rodado, menos impostos para o bolso do consumidor brasileiro, além de ser de grande ajuda para o meio ambiente, juntamente aliado com o avanço tecnológico que é a grande evolução do século, os carros elétricos irão impactar o mundo de uma forma geral, tanto para o mercado, quanto para as questões ambientais.



Ponto de recarga para carros elétricos, Porsche, Raja Gabaglia, Estoril

Carros elétricos mais vendidos no primeiro semestre de 2024

- 1º BYD (14.939)
- 2º GWM (5.735)
- 3º Toyota (5.049)
- 4º CAO A Chery (2.127)
- 5º Volvo (1.606)

Já os cinco modelos mais emplacados no 1º trimestre de 2024 foram:

- 1º SONG PLUS GS DM / BYD (PHEV)
- 2º DOLPHIN GS 180 EV / BYD (BEV)
- 3º DOLPHIN MINI GS EV / BYD (BEV)
- 4º HAVAL H6 PREM / GWM (HEV)
- 5º SEAL AWD GS 590 EV / BYD (BEV)

AUDIOVISUAL BRASILEIRO: os desafios para chegar ao público

Grandes plataformas de streamings possuem somente 5% de seu catálogo no Brasil preenchido por produções locais

Beatriz Marques . 3ºp
Gabriela Roque . 3ºp
Rayssa Moura . 3ºp
Rhayssa Junqueira . 3ºp
Sofia Maia . 3ºp



Carrinho de pipoca tradicionalmente posicionado em frente a cinema

Dados publicados pela Ancine (Agência Nacional do Cinema) apontam que a Netflix e a Amazon Prime Video têm apenas 5% de seu catálogo no Brasil preenchido por produções nacionais. Esse cenário poderá mudar se os Projetos de Lei número 2331/2022 e 1314/2023, que buscam estabelecer uma cota para a exibição de obras independentes, forem aprovados.

O cineasta e voluntário da AAPCINE (Apoio aos Produtores de Cinema Independen-

te e Audiovisual), Gabriel Mavele, ressalta a importância das leis dentro dessa esfera. "Tendo leis que amparem os realizadores locais, como cotas de tela, por exemplo, eu não vejo problema nessas plataformas. O streaming é uma tecnologia, então ele não é bom ou mau, tudo depende da forma que ele é implementado. O obstáculo está no atraso do Brasil em criar esse amparo."

Durante a pandemia, enquanto todos os órgãos que ajudam a financiar projetos cinematográficos (como a Ancine, por exemplo) estavam paralisados, os únicos filmes e séries realizados foram os de streaming. No cenário da precariedade de mecanismos de financiamento público para a produção audiovisual, essas plataformas acabaram ocupando um espaço substancial no panorama brasileiro, já que conseguem gerar conteúdo o ano todo. Entretanto, isso acabou re-manesecendo mesmo após o fim do isolamento, o que aflige muitos produtores.

Além disso, existe uma precariedade muito grande no que diz respeito à distribuição desses filmes, que ultrapassa as fragilidades da produção

dos mesmos. Ou seja, os filmes até podem ser produzidos, mas eles não são exibidos. E quando, finalmente, leis que minimizassem problema começaram a ser executadas, foram, pouco tempo depois, abdicadas pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, que vetou integralmente o projeto de lei que prorrogava incentivos ao cinema (PL 5815/19), com o argumento de que fere a Constituição, a Lei de Responsabilidade Fiscal e a Lei de Diretrizes Orçamentárias. Resultando em menos filmes nas salas de cinema, menos filmes sendo feitos e em um público que conhece ainda menos sobre cinema nacional.

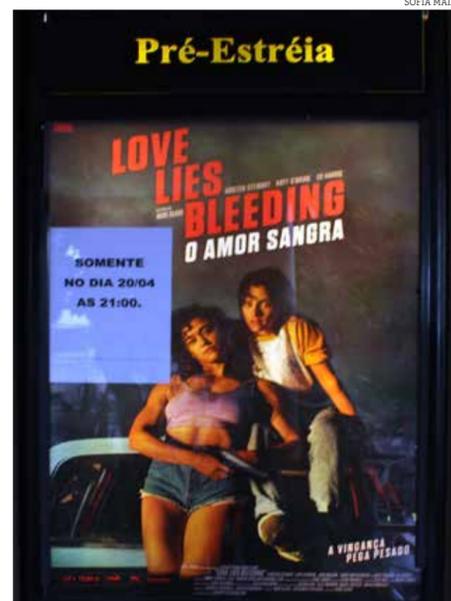
Desse modo, a falta de incentivo e de lógica de indústria, seriam, portanto, os principais motivos pelo qual o cinema nacional não é tão reconhecido e potente quanto as pessoas gostariam que ele fosse. Se as audiências não conhecem o produto, elas não gostam dele - e nem das representações da nossa cultura. Ademais, o fato dessas plataformas serem majoritariamente estrangeiras, resulta em um desejo comercial muito maior ao de representar uma cultura brasileira de maneira profunda. As séries

renovadas são aquelas que possuem um caráter mercadológico perceptível, o que rompe com a autoria e identidade dos cineastas, gerando um conflito de interesses.

Os problemas não acabam por aí: Ao longo dos anos, o filtro em relação ao consumo foi se perdendo. Isso ocorreu, principalmente, pela forma superficial de se consumir cultura e pelo foco do mercado em quantidade em detrimento da qualidade. Quando questionada sobre isso, a graduanda em Cinema e Audiovisual, Tais Dias, explanou seu aborrecimento pela situação: "As pessoas não esperam mais por algo que querem assistir. Os filmes vão sendo simplesmente lançados a todo momento e a sociedade apenas se 'entorpece' de conteúdo, e não tem como desenvolver um pensamento crítico sobre algo que já vem mastigado". E acrescenta: "O Cinema parou de ser fundado na criação e passou a ser voltado para o consumo. Ele se tornou um objeto de consumo e entretenimento. Obviamente, não que ele não seja entretenimento, mas ele também é arte. E essa feição artística do Cinema vem desaparecendo".



Mural em homenagem à Fernanda Montenegro feito por Luis World em parceria com a UNA



O Cine Belas Artes prioriza apresentar filmes independentes sem buscar apelo comercial

Ana Julia Bolognani . 3ºp
Julia Vida . 3ºp
Paula Lagares . 3ºp

Nova modalidade de emprego é pauta de debates e tema de lei federal que tenta garantir direitos aos motoristas de aplicativo; classe está dividida.

A uberização é um fenômeno que permeia a vida de cerca de 1,6 milhão de brasileiros que, ao se depararem com baixa remuneração ou desemprego, encontram nos aplicativos uma alternativa de trabalho por demanda e esperança de ascensão financeira. É a partir desse momento que muitos co-

meçam a trabalhar para apps como "Uber", "Ifood" e "Rappi". Esse movimento chegou ao Brasil em 2014, no Rio de Janeiro, mas foi principalmente durante a pandemia da Covid-19 que se popularizou. Apesar do termo ter sido "emprestado" de uma das plataformas mais famosas, a uberização não se restringe apenas aos motoristas, englobando também entregadores.

A forma de ofício consiste em um trabalho por demanda flexível e autônomo, que permite ao prestador de serviços estipular sua própria carga horária e receber sua remuneração a partir disso.

Embora tenha proporcionado oportunidades de renda para muitos, também levantou preocupações significativas sobre a precarização do trabalho e a falta de proteção para os trabalhadores.

A psicóloga do trabalho, Cláudia Regina Ribeiro, pesquisadora sobre uberização, elucida essa situação: "Você

não tem amparo nenhum. Não tem ninguém que tá preocupando com a sua saúde, não tem ninguém que se preocupa com a sua segurança. A despeza de manutenção é dele. Se acidentat, ele não tem garantia nenhuma".

A polêmica do projeto de lei 1471/22

Em busca de resolver tal questão de precarização, em março deste ano, o presidente Lula (PT) assinou uma proposta de projeto de lei que altera a Lei nº 12.587, de 3 de janeiro de 2012. O texto tem como principais pontos para regulamentar o trabalho dos motoristas de aplicativo a redução as jornadas de trabalho, podendo chegar até 12 horas por plataforma; a imposição de um valor mínimo mensal que se deve receber ao trabalhar 8 horas diárias, sendo R\$1.412; a criação da categoria "trabalhador autônomo por

plataforma"; e a transparência sobre as regras de oferta de viagens.

Apesar dessa medida vislumbrar melhores condições para os prestadores de serviço, muitos deles vêm criticando o projeto, por meio de manifestações e reclamações que se espalham por todo o país. A maior parte alega a diminuição monetária e perda de autonomia devido a imposição da carga horária máxima de trabalho.

Júlio César, que trabalha na plataforma "99 Táxis" há um ano e seis meses, diz que as mudanças propostas pelo governo interferiram negativamente em seu trabalho: "Sou totalmente contra. A proposta está horrível. Se eu trabalhasse CLT, aí eu não chegaria aos resultados que eu chego hoje".

Uberização do empreendedorismo?

Muitos dos prestadores

Precarização gerada pela uberização tem impacto na vida dos brasileiros

Nova modalidade de emprego é pauta de debates e tema de lei federal que tenta garantir direitos aos motoristas de aplicativo



Entregador do iFood em ação, representando a 'uberização' no setor de entregas.



Fachada do Cine Belas Artes, único cinema de rua de BH



A Netflix e outros serviços de streaming são uma fonte para a visualização da produção audiovisual brasileira, mas a única fonte de produção



Cruvinel traz sucessos da MPB e músicas autorais para o Groove do Cruv



Dan Gentil, Davi Leão, Tullio Dayrell, Flor Grassi e Juliano participaram do Só Amor

Alice Horta . 3ºp
Geovanna Vidotti . 3ºp
Mariana Elisa . 3ºp
Thiago Machado . 3ºp

A música é um capítulo à parte da história de Belo Horizonte. A capital mineira sempre foi uma grande exportadora de artistas. Nesse

Selo Música aos Montes se destaca na cena musical de Belo Horizonte

A diretora do projeto, Carol Figueiredo, fala sobre sua trajetória

cenário, o casal Carol Figueiredo e Dan Oliveira criou o selo Música aos Montes, responsável por revelar talentos belorizontinos e gerir suas carreiras e os lançamentos de projetos autorais. Levando os músicos aos mesmos palcos que grandes artistas, o MaM vêm ganhando espaço nos ouvidos dos fãs da música mineira.

Carol contou sobre o surgimento do projeto. "Pouco tempo depois de voltar de São Paulo, conheci o Dan e começamos a namorar. Fiz a proposta de trabalharmos com música, desde que fosse nos bastidores". Ela conta que tinha alguns equipamentos para começar, e que alugaram uma casa de três andares, onde montaram um bar no primeiro, além de salas de aula e um estúdio nos outros pisos. Assim começaram a produzir para amigos, e viram que a produtora era o principal projeto.

Carol diferenciou a forma

como funciona o trabalho de sua equipe das demais gravadoras. "A maioria cuida apenas de distribuição, já o MaM pega o artista do zero e cria o conceito do trabalho, atuando da composição ao lançamento das músicas e cuidando da distribuição." Esse tipo de trabalho faz com que os artistas sejam muito unidos. "O Música aos Montes é uma família que se apoia para além da música e do trabalho. Somos grandes amigos, falo que os meninos são meus filhos. Todos nos ajudamos, temos uma relação sem competição, e isso é muito raro na música. Nossos artistas sabem que o melhor é todos crescerem juntos".

Os números dos últimos trabalhos são muito positivos. Além disso, shows do selo vêm ganhando notoriedade na cena musical de BH. O show "Groove do Cruv" é um carro-chefe do selo como produto ao vivo, e vem causando impacto na cena.

Groove do Cruv

O "Groove do Cruv" é um show liderado por Cruvinel, mas que envolve grande parte dos artistas do Música aos Montes. O evento acontece, geralmente, no Buteco d'Avenida, e vem conquistando o movimento cultural de BH. Em abril, a banda subiu ao palco do festival Só Amor e a apresentação contou com participação de diversos nomes ligados à gravadora. Ao mesmo tempo que reúne o público jovem, o show atrai membros de outros tempos da música mineira, o que faz com que artistas como Samuel Rosa e nomes do Clube da Esquina participem das apresentações. Carol falou sobre como construiu essa percepção: "Trouxemos aos músicos consolidados a oportunidade de reviver a sensação de um show casual, tanto que o Samuel chegou até nós a partir de um vídeo que ele viu do show. Quando ele tocou já vivíamos uma crescente de

público, e a participação teve um impacto muito positivo. No show seguinte tivemos a presença do Wilson Lopes. Beito Lopes também estava lá. Conquistamos tanto o público jovem quanto as gerações de ouro da música mineira."

Os próximos passos

Carol diz sempre manter os pés no chão. "A nossa cabeça tende a não enxergar o quanto crescemos nos últimos anos. Estamos tão imersos no trabalho que acho que só temos dimensão do nosso impacto pelos elogios das pessoas sobre nossos projetos. A procura de grandes veículos de mídia também nos diz que estamos fazendo barulho na cena. Mas, independentemente de tudo, eu e o Dan somos muito realistas."

Os projetos inéditos prometem seguir a linha dos primeiros e se destacar no meio cultural da cidade. Carol está ansiosa para o futuro do selo, mas não se deixa acomodar.



Carol conduz as carreiras de todos os artistas do MaM



Flor Grassi lançou o EP "Novelo", mais novo trabalho do MaM

"Mesmo que tudo esteja dando muito certo, sentimos que a responsabilidade é cada vez maior, então seguimos muito focados no trabalho. Raramente temos tempo para comemorar que as coisas vêm vingando, mas rapidamente voltamos ao trabalho. Acho importante manter o pé no chão e não deixar que os elogios subam na cabeça. Sempre podemos melhorar."

Minas Gerais Literária: navegando pelos desafios e crescimento dos autores locais

Minas Gerais, terra de escritores renomados como Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino e Adélia Prado, enfrenta desafios significativos para os novos autores locais que buscam ingressar no mercado literário

Jhennifer Alves . 4ºp
Miguel Augustus . 4ºp

De acordo com uma pesquisa conduzida pela "Nielsen BookData", cerca de 25 milhões de pessoas consumiram livros no ano de 2023. Esses números indicam um mercado em expansão, com potencial para crescer ainda mais. Apesar do reconhecimento crescente e do sucesso de vendas, muitos escritores ainda sofrem com a falta de apoio institucional, as dificuldades de acesso ao mercado editorial e a escassez de recursos financeiros.

Uma estatística que evidencia os desafios de ingressar nesse mercado é a divulgação pela "Câmara Brasileira de Livros" de que, no ano de 2022, foram produzidos cerca de 324 milhões de exemplares, porém apenas 16% desses eram novos títulos. A maioria consistia em reimpressões de obras já existentes, o que ressalta a competição e a dificuldade de introduzir novos conteúdos.

riormente, na publicidade, onde atuou como redatora e professora universitária. A transição para a literatura foi marcada por um interesse inicial desprezioso: "Quando comecei a escrever literatura, não tinha nenhuma ambição de me tornar uma autora, foi mais por diletantismo".

Carla Madeira: Uma autora mineira consolidada

Carla Madeira, conhecida pelo seu livro "Tudo é Rio", foi a autora mais lida no Brasil em 2021 e a única brasileira a estar na lista dos 10 livros mais vendidos de 2023. Com uma carreira sólida na publicidade, Carla encontrou na literatura uma forma de expressão que a cativou profundamente.

Ao ser questionada sobre suas dificuldades iniciais na escrita, Carla Madeira revelou que sua aproximação com a palavra se deu primeiramente através da música e, poste-

riormente, na publicidade, onde atuou como redatora e professora universitária. A transição para a literatura foi marcada por um interesse inicial desprezioso: "Quando comecei a escrever literatura, não tinha nenhuma ambição de me tornar uma autora, foi mais por diletantismo".

Ao refletir sobre o mercado literário para autores mineiros, Carla Madeira destacou um momento positivo, porém desafiador. Ela mencionou a grande quantidade de talentos em busca de oportunidades de publicação, contrastada com a falta de mecanismos acessíveis para acesso às editoras. Seu conselho para aspirantes a escritores é simples, mas poderoso: "Escreva, escreva, escreva. Depois de escrever um livro que você considera bom, tudo pode acontecer. O livro não será

mais seu. Não sabemos exatamente o que faz um livro acontecer, mas sabemos que é no leitor".

Ilma Pereira: Os desafios da autora iniciante

Ilma Pereira, escritora e poeta de Belo Horizonte, compartilhou suas experiências como autora iniciante. Com quatro livros e duas noveletas publicados, Ilma destacou os desafios enfrentados na divulgação e publicação de suas obras. "Uma das dificuldades é a divulgação dos livros, fazer nossa literatura extrapolar a bolha de familiares e amigos, chegar a novos leitores", revelou. Além disso, ela apontou a alta de oportunidades no mercado editorial tradicional como um obstáculo significativo para os escritores iniciantes.



Em um país com 203,1 milhões de habitantes, segundo o Censo de 2022 do IBGE, apenas 16% das pessoas acima de 18 anos compraram livros nos últimos 12 meses

"O mercado editorial tradicional oferece pouca ou nenhuma oportunidade para o escritor iniciante, a menos que ele tenha milhares de seguidores", destacou Ilma. No entanto, ela enfatizou que a era digital abriu novas possibilidades para os escritores emergentes, permitindo que eles publiquem suas histórias sem depender exclusivamente de uma editora tradicional. "As plataformas online de auto publicação têm permitido que vozes antes silenciadas surjam, trazendo uma pluralidade de perspectivas e estilos interessantes para o cenário literário nacional", acrescentou.

Em conclusão, as experiências de Carla Madeira e Ilma Pereira oferecem um vislumbre dos desafios e das oportunidades no mercado editorial de Minas Gerais. O compromisso das editoras com a valorização da diversidade cultural e a promoção de uma cultura de leitura inclusiva promete impulsionar ainda mais o interesse por obras autênticas, enriquecendo a experiência literária de todos os mineiros. Com inovação, parcerias estratégicas e um contínuo compromisso com a diversidade, Minas Gerais emerge como um protagonista crucial no cenário editorial brasileiro.

Breaking estreia nos Jogos Olímpicos de Paris



O breaker Ruda realizando uma manobra

Guilherme Viana . 3ºp
Henrico Riani . 3ºp
Lucas de Paiva . 3ºp
Lucas Penzin . 3ºp
Vinicius Diniz . 3ºp

Em 2020, ainda antes da realização da última Olimpíada de Tóquio, no Japão, o Comitê Olímpico Internacional anunciou oficialmente o ingresso do Breaking nos Jogos de 2024, que serão disputados nos meses de julho e agosto, em Paris. Nos Jogos Olímpicos existirão duas disputas, separando homens e mulheres. Em cada uma delas, 16 B-boys ou B-girls se enfrentarão

em batalhas solo, realizando movimentos improvisados e criativos na disputa por medalhas.

No regulamento consta um limite de quatro atletas por Comitê Olímpico Nacional, com a anfitriã França já possuindo uma vaga garantida por gênero. Mais quatro vagas (duas por gênero) serão reservadas por universalidade, através do ranking final da OQS (Olympic Qualifier Series).

Apesar de haver indícios da dança nos Estados Unidos desde os anos 30, o breakdance, como também é conhecido o Breaking, surgiu na década de 1970, em Nova York, no distrito do Bronx, famoso por um histórico intenso de contato

Nova modalidade olímpica traz uma história muito rica desde suas origens até a chegada ao maior evento esportivo do planeta

entre diferentes culturas. Nesse sentido, o breaking nasceu no meio de comunidades negras e latinas, com o intuito de pacificar as disputas territoriais da região. O Breaking, dessa maneira, já nasceu sendo sinônimo de resistência e criatividade.

Não demorou para que um movimento tão popular e inclusivo chegasse ao Brasil. Muito embora haja algum desconhecimento de informações sobre o ano exato em que o breaking foi difundido em solo nacional, é fato que o show do grupo americano Public Enemy em São Paulo, no ano de 1984, e a figura de Nelson Triunfo foram fundamentais para tal processo.

Em contato com a reportagem, Rudá Gonçalves, breaker com larga experiência na cena de Belo Horizonte, traz um olhar mais aprofundado sobre o momento atual da dança de rua. No olhar do artista, o cenário brasileiro se mostra cada vez maior e competitivo:

"Quando eu comecei a galera ainda ia [às rodas de dança] para dançar, não para competir. Hoje está mais concentrado na competição, não apenas em Belo Horizonte, mas no cenário nacional como um todo."

Compartilhando sua visão sobre a primeira participação do Breaking nas Olimpíadas, Rudá adota inicialmente um olhar otimista sobre os possíveis desdobramentos do movimento: "A essência do Breaking não se perde, apenas se transforma. Os eventos raízes de Breaking e hip-hop continuarão acontecendo, independentemente das Olimpíadas. Acho que ajuda a mostrar que é uma atividade que você tem que se dedicar e treinar muito." Mas pondera: "Ao mesmo tempo representa uma elitização do movimento. Não é todo mundo que pode pagar para se preparar para os Jogos."

Sobre a preparação que envolve o atleta do Breaking antes de um evento, Rudá dá detalhes da rotina ideal: "Ter

uma boa alimentação, se possível um mentor: uma equipe por trás cuidando da preparação do atleta. Estar com amigos, com pessoas com quem se sente confortável, seguro, confiante, tudo isso influencia em uma competição."

Felipe Augusto, outro atleta do breaking de Belo Horizonte, também compartilhou sua perspectiva da ascensão da dança para o cenário olímpico: "Vejo de uma forma muito positiva, pois permite que o breaking chegue a lugares que nunca chegou" [...] "Nunca imaginei que assistiria a uma batalha (de breaking) em casa com minha família" complementou o b-boy.

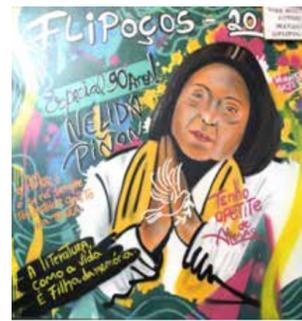
Felipe destaca também como a cultura do hip hop vem se popularizando entre os jovens e crianças, a partir de oficinas de danças e outras atividades que podem impactar positivamente a juventude nas escolas: "Tenho uma filha de seis anos e ela poder chegar em casa e dizer que teve uma ofi-

cina de breaking na sala de aula, conhecer um pouco mais sobre o que o papai faz... isso é bom".

Quando o assunto é sobre a classificação para os Jogos, o atleta tem críticas a respeito da forma como o esporte é tratado no Brasil. Ele aponta a falta de investimentos e estrutura para os b-boys e b-girls se prepararem para as competições: "No Brasil não temos estrutura mental, financeira, centros de treinamento adequados [...] no nosso país as coisas são mais complicadas".

Os Jogos Olímpicos de Paris começam no dia 26 de julho. Mesmo com as dificuldades e desafios que envolvem a prática do Breaking, os b-boys e b-girls vão a Paris entendendo que estão indo não apenas defender seu país, mas que estão fazendo história ao representar a cultura das ruas e das classes marginalizadas, combatendo o preconceito e espalhando a cultura do hip hop para o mundo.

Painel feito pela artista plástica Dani Werneck, em homenagem aos 90 anos de Nélida Piñon, exposto durante o Flipçoços



Luana Renó . 3ºp

teratura ao se tornar a primeira mulher a assumir a presidência da ABL. Em 2022, após 60 anos de carreira literária, a autora faleceu. Em homenagem ao aniversário de 90 anos da escritora, no dia 3 de maio de 2024, durante o Festival Literário de Poços de Caldas, foi feito um painel para a discussão de sua obra póstuma, intitulada "Os rostos que tenho".

A diversidade de Nélida Piñon

O último lançamento de Nélida, "Os rostos que tenho", é um testemunho literário das várias faces da autora. Em 147 crônicas, percorre histórias desde a infância, a trajetória com a arte da escrita e alcança as múltiplas identidades que constroem o seu legado como autora e como pessoa.

Para Rodrigo Lacerda, edi-

NÉLIDA PIÑON: livro póstumo da primeira mulher a presidir a ABL é celebrado em festival literário

Convidados discutem a trajetória literária e influência latino-americana nas obras de Nélida

tor do livro, Nélida ter crescido em um ambiente multicultural influenciou a percepção da autora sobre o mundo. "Ela é de uma família espanhola que imigrou para o Brasil, então, só de já crescer falando duas línguas, com duas culturas, isso já abriu a cabeça dela para a literatura mundial. Dom Quixote, de Cervantes, a Ilíada e a Odisseia, de Homero, Shakespeare... Esses grandes clássicos já entraram na vida dela naturalmente, porque ela já tinha um interesse pelo mundo", comenta.

Rodrigo acrescenta que o caráter múltiplo de Nélida aproxima outras realidades da brasileira, sem reproduzir estereótipos do país. "É uma obra muito rica que fala com outros povos. É uma obra com a qual outros povos podem se

identificar sem essa sensação de distância que os estereótipos brasileiros dão", explica.

Ao escolher literatura como profissão, como mulher e latino-americana, Nélida enfrentou críticas marcadas por preconceitos, entretanto isso não a impediu de continuar a escrever. Apesar de todos os estigmas acerca das obras feitas por mulheres, Eric Nepomuceno, jornalista e escritor, durante a celebração, cita escritoras que se destacam na América Latina. "Se você hoje pega o cenário literário da Argentina, do México, do Chile, não só mulheres, mas garotas têm um peso incrível. Alejandra Costa Magna, no Chile, Selva Almada, na Argentina...", exemplifica.

Rodrigo Lacerda comenta que o mercado editorial é positivo para a entrada de

mulheres. "As portas das editoras estão totalmente abertas para a literatura feita por mulheres. Não há nenhum tipo de preconceito. Pelo contrário, acho que há editoras que estão privilegiando a escrita, os textos e os romances escritos por mulheres", conclui.

Serviço

"Os rostos que tenho", de Nélida Piñon, foi lançado no fim de 2023, no Rio de Janeiro, pela Editora Record, e pode ser encontrado em livrarias físicas ou plataformas online. Para mais informações, o site da editora é www.record.com.br.



As obras de Piñon utilizam elementos da realidade. Em destaque, capa do mais recente livro que traz uma coletânea de crônicas escritas pela autora.

Lei de Incentivo fortalece a cultura e transforma vidas em Poços de Caldas

A implementação da Lei Paulo Gustavo tem gerado impacto no setor cultural da cidade sul mineira

Maria Olívia Ribeiro . 3ºp
Livia Akemi . 3ºp

Criada em 8 de Julho de 2022, a Lei Complementar Federal N° (195/2022), conhecida como Lei Paulo Gustavo, representa o maior investimento direto já realizado no setor cultural do Brasil. São mais de 3 bilhões de reais voltados para a execução de ações e projetos culturais em todo território nacional, e 70% do recurso destinado a produções audiovisuais e os outros 30% para as outras áreas.

Em Poços de Caldas, de acordo com o gestor cultural Luis Gustavo Dutra, em 2024, a cidade teve 88 propostas aprovadas por meio de dois editais da Lei Paulo Gustavo. Um voltado para projetos audiovisuais e outro que contemplou propostas em diversas áreas artísticas, tais como dança, música e teatro. Este

montante de propostas totalizou a vinda de 1,5 milhão de reais para a cultura do município. “É importante dizer que Poços de Caldas é muito próspera e muito capacitada na área de envio de projetos. Tenho me acostumado a dizer que o que vem da Lei Paulo Gustavo é um reforço de caixa para os municípios que se soma com os recursos dos editais já feitos na cidade, o que torna possível a criação de editais novos e a melhoria dos já existentes”, comenta Luis Gustavo.

Ivan Martucci Franco é cineasta com especialização em roteiro e direção, e foi um dos beneficiados pela lei no município. Ele é idealizador do Projeto “Haikino”, uma forma de traduzir a poesia haikai, própria da cultura japonesa, por meio de curtas e, para ele, a lei tem importância fundamental para o apoio e incentivo aos artistas. “Essas

peças não têm como realizar esses sonhos, esses projetos com o dinheiro do bolso delas. A Lei Paulo Gustavo deveria só crescer, ter mais versões pra gente poder disseminar a cultura”, afirma.

Esta foi a primeira vez que Ivan teve um projeto financiado pela Lei Paulo Gustavo e, futuramente, pretende propor outras iniciativas para valorizar a cultura. “Só de você dar oportunidade de criação dos projetos já é um ganho significativo. Isso é uma campanha para o ano que vem, daqui a dois anos, daqui cinco anos. As pessoas precisam ser estimuladas e incentivadas para isso ter uma significância depois”, explica.

Matheus Henrique Soares também teve um projeto incentivado pela Lei Paulo Gustavo, o “Palavras Vivas”, que inspirou e capacitou os participantes em três vertentes fundamentais da arte vi-

sual contemporânea: o roteiro, a fotografia e a produção de vídeo. Ele ressalta que a Lei Paulo Gustavo não oferece apenas suporte financeiro, mas também inspira, traz entusiasmo e engajamento na comunidade artística. “Essa é a ideia principal, e até poética, da lei. Mudando a rua da gente, a gente muda o bairro. Mudando o bairro da gente, a gente muda a cidade e, quem sabe, mudando a gente mesmo, a gente consegue mudar o mundo. A cultura tem um poder transformador”, afirma.

A expectativa de crescimento de novas propostas e até mesmo a chegada de outros incentivos financeiros, coloca a cultura da cidade de Poços de Caldas ainda mais em evidência, fomentando a participação de novos artistas e outras pessoas engajadas. “A gente espera significativamente que o nosso trabalho, o apoio, o entendimento



Aula da oficina “Palavras Vivas”, ministrada por Matheus Henrique Soares

que a gente tem do setor posam, a partir do que é oferecido pelos artistas, construir um mundo melhor apoiado na cultura”, finaliza o gestor cultural, Luis Gustavo Dutra.

Sobre a Lei Paulo Gustavo

O financiamento é proveniente do restante do auxílio emergencial disponibilizado em 2020 juntamente ao recurso de um fundo da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), que capta uma parcela das receitas geradas pela exibição televisiva, pela

venda de ingressos de cinema e por projetos realizados com recurso a título de empréstimo do governo federal. Posteriormente, uma porcentagem do lucro desses projetos é devolvida, alimentando assim o ciclo de financiamento para futuras ações no setor audiovisual.

Em homenagem à significativa atuação do ator e humorista Paulo Gustavo no cinema e no cenário televisivo, a lei contempla tanto oficinas proporcionadas por artistas, quanto as próprias produções cinematográficas.



O túmulo de Tamara Gagarin encontra-se no cemitério municipal de Poços de Caldas. Muitos visitantes levam flores e artefatos utilizados em rituais

Dos ditos populares à incerteza da verdade: princesa da família Romanov está mesmo sepultada em Poços de Caldas?

Identificada pelo nome de Tamara Gagarin, na cidade, a suposta integrante da família russa teria morrido em um asilo em 1965

Lucas Bernardes . 3ºp
Raul Varoni . 3ºp

Estariamos diante da história que deu vida ao filme “Anastásia”? A animação foi inspirada na história real da última família imperial da monarquia russa, os Romanov, que foram mortos em 1918. Apesar das inúmeras versões que correm no boca a boca pela cidade de Poços de Caldas, muitos acreditam que a grã-duquesa Anastásia Nikolaevna Romanov, uma das filhas do czar russo Nicolau II, estaria enterrada no Cemitério da Saudade no município. O túmulo onde estaria sepultada recebe diversos visitantes com velas, orações e pedidos.

Anastásia Romanov, foi a quarta filha do czar russo Nicolau, e da czarina Alexandra Feodorovna. Era a irmã mais nova das duquesas Olga, Tatiana e Maria e também de Alexei. Anastásia Romanov e seu irmão teriam fugido da Rússia, em 1918, após ataque dos algozes da sua família, quando todos os outros membros acabaram morrendo. O ataque teria sido motivado pela oposição que queria acabar com a dinastia Romanov.

Em 1993 foram identificados, por meio de exames de DNA, os restos mortais de seus pais e suas irmãs, dois anos após serem encontrados enterrados em uma floresta, e nenhum sinal da princesa foi achado na ocasião. Com o passar do tempo, foram aparecendo mulheres no mundo todo que diziam ser a própria Anastásia. Cada alegação foi desmentida através de exames de DNA, até que chega-

mos na cidade turística do Sul de Minas. Em Poços de Caldas, Anastásia teria adotado o pseudônimo de Tamara Gagarin e começou a dar aulas de inglês, já que ela era neta da Rainha Victória, da Inglaterra, e a língua era muito presente em seu dia a dia na família real. Um de seus alunos, o jornalista Odair Camillo, revela que estava interessado em aprender uma língua estrangeira e, por meio da governanta, ficou sabendo das aulas da Tamara Gagarin. “Quando cheguei lá fiquei decepcionado. Ela me recebeu friamente, desconfiada. Tinha que bater na porta três vezes e falar meu nome, assim ela me reconhecia pela voz, por medo da repressão contra a sua família. Mais tarde fiquei sabendo que se tratava da prin-

cesa Anastásia Romanov, por meio da revista O Cruzeiro”, revela.

Roberto Tereziano, historiador e pesquisador de Poços de Caldas, detalha a chegada da suposta princesa na cidade. Segundo ele, a princesa teria contato com pessoas nobres de Poços de Caldas, o que teria a ajudado em sua fuga e nova vida. “Na chegada ao Brasil, os irmãos se perdem e ela, por meio do Barão do Campo Místico, com quem tinha relação, veio parar em Poços de Caldas. Se mexer mais na história, vamos encontrar uma passagem da Tamara Gagarin por São Paulo antes de vir para o Sul de Minas”, conta.

A princesa teria morrido em Poços de Caldas no ano de 1965, em um asilo. Hoje em dia, o túmulo recebe diversas visitas anuais e muitos itens

são deixados em cima dele, como joias e objetos de valor. O coveiro do cemitério municipal, que preferiu não se identificar, afirmou que visitantes vão até o local, deixam presentes para a princesa e para a governanta Alexandra Tatichiev, que viveu com Tamara Gagarin e foi sepultada no mesmo jazigo, junto com a princesa. No túmulo, os visitantes fazem pedidos e orações. Ele também conta que muitos dos artefatos deixados são usados para rituais.

O caso ficou famoso mundo afora e repercutiu principalmente no Brasil, quando supostos boatos indicaram que a princesa perdida havia fugido para o país sul-americano. Durante o século XX, essa foi uma das histórias mais contadas, gerou livros, peças e filmes, e trinta anos de-

pois, uma animação de sucesso da produtora Fox Animation Studios, chamada Anastásia, que acabou recriando os membros da família real em personagens.

O fato é que a princesa perdida nunca se revelou inteiramente e seu paradeiro é incerto, o que faz com que sua fuga, se é que sobreviveu ao ataque aos Romanov, seja uma lenda no mundo todo.

FAMÍLIAS PLURAIS: Um olhar sobre as novas configurações familiares

Famílias para além dos limites tradicionais são uma realidade no séc. XXI

Ana Luiza Rodrigues . 3ºp
Felipe de Paula . 3ºp

O Projeto de Lei, que propõe uma atualização no Código Civil - conjunto de leis que asseguram os direitos e deveres dos cidadãos - foi apresentado ao Senado em abril deste ano. A proposta visa a ampliação do conceito de família, incluindo a legitimação de casais homoafetivos e a validação da adoção por parte deles. O Código Civil é o conjunto de leis que asseguram os direitos e deveres dos cidadãos. O doutor em administração

Jonathan Felix, que constitui uma família com seu marido e dois filhos adotivos, conta que o conceito de família vem mudando ao longo dos anos: “Inicialmente, o conceito de família é aquele sanguíneo biológico, papai, mamãe, filhinhos. Agora, apenas o aspecto biológico é muito pouco, porque não é só o biológico que faz uma família. A família parte do laço, do afeto, da responsabilidade que a gente tem com o outro. Família é cuidado, é um amor intencional que a gente se propõe. E o amor é uma construção, a família é uma construção”.



Família de Ana Luiza Alves

A professora de educação física, Ana Luiza Alves, é casada com Laura Junqueira. Elas são mães de duas crianças. Para ela, a família é formada pelas pessoas que estão presentes e se unem nos bons e maus momentos: “Independente de laços sanguíneos, é com quem você compartilha as suas frustrações, as paixões, medos, coisas boas, coisas ruins. As pessoas se assustam um pouco, sabe? Principalmente quando veem uma família tão sólida que é constituída assim, como a nossa”.

Estigmas

Segundo a Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA), o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo. Jonathan relata que o preconceito está presente no dia a dia vivido com sua família: “As pessoas nos olham diferente. Quando estou com meu esposo e os meus filhos e a gente vai em vários lugares, há um estranhamento. Eu posso te dizer que, na nossa experiência par-

ticular, nós temos muito mais olhares positivos das pessoas do que olhares negativos. Mas problemas existem. Aparecem na escola, quando a gente tem atividades ligadas à família ou quando precisamos preencher algum documento em algum lugar e a estrutura não tem um local para os nomes de dois pais, mas para um pai e para uma mãe”, exemplifica.

“Adoção não é caridade. Adoção é uma forma legítima e importante de criação de vínculo familiar!”

Jonathan Felix

“No nosso processo de adoção, nós não enfrentamos nenhuma barreira por ser um casal homossexual. Seguimos o mesmo processo que todas as pessoas. Encontramos um judiciário super aberto. Inclusive, foi graças a essa abertura do judiciário para que casais LGBT pudessem adotar que contribuiu para o aumento no número de adoções no Brasil”, expressa Jonathan.



Família de Jonathan Felix

Apesar de considerar que a sociedade ainda é muito preconceituosa, principalmente no que diz respeito à adoção e inseminação artificial, sobretudo em famílias LGBTQ+, ela garante que as crianças lidam com essa realidade com naturalidade e aceitam de forma bem mais simples do que os adultos. “Caso, ao longo do crescimento delas, questionamentos forem surgindo, com diálogo e união, toda a família, em conjunto, conseguirá chegar ao equilíbrio”, expressa.

Apesar de considerar que a sociedade ainda é muito preconceituosa, principalmente no que diz respeito à adoção e inseminação artificial, sobretudo em famílias LGBTQ+, ela garante que as crianças lidam com essa realidade com naturalidade e aceitam de forma bem mais simples do que os adultos. “Caso, ao longo do crescimento delas, questionamentos forem surgindo, com diálogo e união, toda a família, em conjunto, conseguirá chegar ao equilíbrio”, expressa.

MÊS DO ORGULHO: Qual a importância da data para a comunidade LGBTQIAPN+?

Desde a década de 90, a Parada do Orgulho é uma atração na cidade e uma forma de resistência da comunidade LGBTQIAPN+

Helena Antunes . 3ºp
Leticia Acerbi . 3ºp
Rosana Ramos . 3ºp

Junho é também conhecido como o “Mês do Orgulho”, uma forma de destacar as pautas que envolvem a população LGBTQIAPN+. Um dos eventos que acontece no período é a Parada do Orgulho, uma forma de demonstrar a importância da diversidade ao redor do mundo, promover a igualdade e lutar contra a discriminação e a violência contra a comunidade. A primeira manifestação do “orgulho gay” - como a Parada era nomeada inicialmente - aconteceu em 1970, nos Estados Unidos, um ano após a população LGBTQIAPN+ ter ido às ruas

de Nova York protestar contra a abordagem violenta da polícia ocorrida no dia 28 de junho de 1969, data que ficou conhecida como a Revolta de Stonewall. Em Belo Horizonte, a Parada LGBTQIAPN+ teve sua primeira edição em 1998, sendo uma das primeiras do Brasil.

O Centro de Luta Pela Livre Orientação Sexual (CELLOS/MG) é responsável pela organização da Parada do Orgulho em BH desde os anos 90. A organização se dedica à formação da população para incidência política e gerar melhores políticas públicas para a dignidade e existência da população LGBTQIAPN+. A coordenadora de editais e projetos do CELLOS, Carolina Sol, contou como foi o

começo das passeatas: “A primeira edição foi completamente diferente. Era algo em torno de 12 pessoas, vestidas de personagens da Disney, porque elas tinham medo de serem identificadas pelos colegas de trabalho. Hoje, nós temos em Belo Horizonte a segunda maior parada do país”. A última edição reuniu 200 mil pessoas no centro da cidade, para acompanhar a programação em três palcos, algo que Carolina destacou como um ponto central para a manifestação até hoje. “É preciso ter um palco porque é lá que nos sentimos seguros, onde acontecem os debates políticos. Também é onde tem corpos que se apresentam, mostrando seu talento.” Segundo o Grupo Gay da

Bahia (GGB), o Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo e, por isso, o trabalho de organizações como o CELLOS é tão crucial. Atualmente, a organização tem cinco projetos em andamento e cresceu o bastante para ocupar um andar inteiro no centro de BH. Mesmo diante das estatísticas alarmantes, é necessário reconhecer os progressos na causa LGBTQIAPN+, principalmente com os esforços das organizações da sociedade civil. “Acho muito ruim quando esquecem que o movimento tem memória. Além da gente ter conseguido entender e respeitar as diferentes formas de amar e de ser, a gente conseguiu avançar. Garan-



Carolina Sol coordenadora de editais de projetos do CELLOS

timos direitos básicos para essas pessoas, como casar, adotar, reconhecer seus relacionamentos”, afirma Carolina, em um balanço de como a pauta evoluiu nesses últimos anos.

A 25ª Parada do Orgulho em Belo Horizonte acontecerá no dia 21 de julho e Ca-

rolina se diz animada com o retorno que o evento tem gerado. “Hoje em dia, tenho visto pessoas bem mais novas fazendo parte da luta conscientes e isso me dá muito orgulho”, e completa: “Nossa luta é pelo amor. Para amar os outros e os nossos corpos”.

LGBTQIAPN+

*Sigla para representar gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, travestis, pessoas queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não-binários, entre outros gêneros e sexualidades. Como o símbolo de “+” engloba a população como um todo, usaremos a sigla também de forma reduzida.

Terras indígenas não demarcadas ameaçam a ancestralidade e a cultura dos povos originários

Insegurança territorial vivenciada por povos indígenas exige reflexão sobre garantia de direitos e políticas de equidade

Alice Oliveira . 3ºp
Carolina Gonzalez . 3ºp
Maria Alice Aguiar . 3ºp
Márcia Ferreira . 3ºp

No estado de Minas Gerais, de acordo com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), vivem, em média, 41 mil indígenas de pelo menos 20 etnias. Parte dessa população habita em territórios que não possuem demarcação, sendo este um direito garantido no artigo 231 da Constituição Federal de 1988. Além de ser direito dos povos originários terem suas terras tradicionalmente ocupadas oficialmente demarcadas pela União, também devem ter a liberdade de manter os costumes, as línguas, as crenças e tradições. A homologação dos territórios enfrenta dificuldades e gera insegurança para as comunidades que esperam a oficialização de suas terras.

"O território nos cria, nos mantém e nos recebe na nossa morte." A frase é da cientista social Maria Florguerreira, que integra o Comitê Indígena Mineiro. Ela lembra que a pertença territorial é fundamental para manter as práticas ritualísticas e para criar as crianças, valorizando os ensinamentos culturais e a manutenção da ancestralidade.

A professora e doutora em História, Juliana Ventura, em seu livro de tese "A guerra dos 18 anos: uma perspectiva Xakriabá sobre a ditadura e outros fins de mundo", cita os conceitos descritos pela deputada federal e indígena Célia Xakriabá (PSOL) de memória nativa, que são as lembranças trazidas dos antepassados, e memória ativa, que produz efeito no presente e nos descendentes. Esses conceitos reforçam a fala de Florguerreira, visto que, para que os povos tradicionais perpetuem suas culturas, precisaram de suas terras livres de explorações e invasões. Somente assim, os sucessores poderão manter as memórias e tradições.

As práticas e tradições descritas acima foram testemunhadas pela reportagem, em visita realizada na aldeia Katurãma, localizada em São Joaquim de Bicas (MG), onde vivem parte dos povos Pataxó e Pataxó Há há há. No dia 13 de abril, sob liderança da cacica Ângohó, a aldeia realizou um evento em comemoração à resistência dos povos indígenas com comidas, jogos e casamento típicos. O território e os costumes desses povos foram gravemente afetados pelo crime ambiental do rompimento da barragem de Brumadinho,

em 2019. Hoje, voltam a praticar suas atividades relacionadas à ancestralidade e à conexão no espaço em que habitam.

A Wapichana Ariene Susui é ativista indígena desde os 14 anos, mestre em Comunicação e, recentemente, participou do movimento de transição para o governo Lula. Em entrevista, atestou os combates territoriais como as maiores ameaças à ancestralidade originária. Afirmando que "a Terra é nossa mãe", esclareceu a ameaça da exploração ilegal garimpeira, mineração e a contaminação por agrotóxicos das terras: "Quando se afeta um território, logo ataca também as nossas identidades, nosso corpo, a nossa alma [...] Nós falamos que a terra é nossa mãe, então, quem seria capaz de ferir a mãe? Quem seria capaz de machucar a mãe? Quem seria capaz de destruir a mãe?". Além disso, contou que ações direcionadas, como os assassinatos precedidos pelas invasões, funcionam como apagamentos étnicos, perdendo-se um trecho daquela etnia e história, porque se interrompe o processo de transmissão de costumes e a educação voltada à comunidade, fundamentais para a formação identitária dos mais jovens.



Prática de canto e dança na aldeia Katurãma, em São Joaquim de Bicas, dos povos Pataxó e Pataxó Há há há

Ariene ainda declara: "O maior perigo para a proteção do território indígena é o Congresso Nacional ruralista e conservador". De acordo com ela, o legislativo vem fazendo tentativas de retirada de direitos com a aprovação de medidas como o PL 190, conhecido como Marco Temporal, que cria critérios e procedimentos arbitrários para a demarcação de terras indígenas, como a necessidade de provar a ocupação efetiva do território requerido em 1988: data de promulgação da Constituição Federal.

Florguerreira apoia o pensamento de Susui sobre o Marco Temporal: "Veio para colocar uma corda no nosso pescoço". A tese desconsidera o processo de colonização, as disputas territoriais e as inúmeras vezes que povos indígenas foram obrigados a largarem seus espaços.

Apesar do profundo conhecimento e dos esforços de preservação das comuni-

dades tradicionais, a interferência do Estado continua a representar uma ameaça significativa para o meio ambiente e para os direitos dessas populações. A convivência do Estado com interesses econômicos, muitas vezes, resulta em práticas prejudiciais, como a pulverização aérea de agrotóxicos próxima a comunidades tradicionais, ignorando legislações de proteção ambiental. As comunidades resistem através da organização e da busca por alianças políticas para garantir seus direitos básicos e a preservação de seus territórios ancestrais.

Estilos de vida harmônicos com a natureza, em uma relação de respeito e ganhos mútuos, são praticados ancestralmente pelos povos originários. A preservação ambiental é fortemente entrelaçada com a transmissão de conhecimento de geração em geração. A engenheira agrônoma,

Marilda Quintino, acompanhou povos indígenas em trabalhos realizados pelo Cedefes (Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva) e destaca a importância dessa tradição, um fator de harmonia entre povos indígenas e a natureza ao redor. As técnicas de manejo de solos, passadas de pai para filho, são um testemunho da resiliência dessas comunidades na relação com o meio ambiente, respeitando os ciclos naturais e a biodiversidade local. Susui complementa: "Enquanto não tivermos uma economia capaz de entender que é possível trabalhar com a floresta ao mesmo tempo em que se promove o desenvolvimento a partir das pessoas que vivem nesses locais, não haverá uma mudança de chave". Ela segue afirmando que é necessário um olhar mais dinâmico sobre indicadores sociais, em equiparidade aos econômicos.

DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS EM MINAS GERAIS

586.528 km ²	Área total do território mineiro
16 territórios demarcados, correspondente a 1.158 km ²	0,19% do território mineiro

Informações coletadas de reportagem do jornal O Tempo Dados da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai)



Indígenas realizando pinturas para iniciar a programação dos 1º Jogos Estudantis da Aldeia Katurãma

DESAFIOS CLIMÁTICOS GLOBAIS: como as recentes cheias no Rio Grande do Sul chamam a atenção para as questões climáticas enfrentadas pelo mundo

Julia Vida . 3ºp

Entre o fim de abril e o início de maio de 2024, a população do Rio Grande do Sul foi vítima de graves enchentes devido à fortes chuvas que deixaram o estado praticamente inteiro embaixo d'água. As cheias geraram impactos devastadores, desde estragos à infraestrutura urbana e rural até danos físicos e materiais imediatos aos moradores das regiões afetadas, além de uma herança de desafios a longo prazo. "Infelizmente, este será o maior desastre que nosso estado já enfrentou", declarou o governador Eduardo Leite durante uma coletiva de imprensa concedida no dia 1º de maio.

Por outro lado, meses antes desse desastre, em outubro de 2023 a seca fez com que o Rio Negro, um dos maiores símbolos da Amazônia, atingisse o nível mais baixo desde 1902, ano em que começou a medição no porto de Manaus, capital do Amazonas. Em outro ponto do Brasil, o Cerrado já perdeu metade de sua mata nativa para o desmatamento. Eventos climáticos extremos como esses já são realidade por todo o país. Indiscutivelmente, essas situações são intensas, mas não se pode dizer que são inesperadas.

Há 9 anos, em 2015, durante a gestão da então presidente Dilma Rousseff, o projeto Brasil 2040: cenários e alternativas de adaptação à mudança do clima, feito por alguns órgãos de pesquisa do país com o objetivo de propor soluções para minimizar os impactos decorrentes das mudanças climáticas, trazia vários estudos e relatórios que apresentavam resultados dramáticos, incluindo o aumento das chuvas no Sul. Porém, o estudo foi abafado e ignorado por gestões posteriores.

Questões climáticas ao redor do mundo

Não é só o Brasil que vem enfrentando questões climáticas severas. "A gente tem diversos eventos climáticos em diversas partes do mundo que são muito ilustrativos dos problemas que a gente enfrenta hoje", declarou o mestre em relações internacionais, Victor de Matos. A Alemanha, por exemplo, também sofreu com inundações decorrentes de fortes chuvas no início de junho deste ano. Os eventos resultaram em rompimento de barragens, deslizamentos de terras e muitos outros desastres.

As mudanças climáticas não se tratam mais de um problema teórico ou distante, mas uma realidade atual e

urgente. O professor e doutor em geografia Alecir Moreira, alertou que a sociedade precisa dar atenção a essa questão, pois, entre diversas outras, uma das formas de manifestação dessas alterações é a intensidade dos eventos extremos, o que está caminhando cada vez mais rápido do que era previsto. "É preciso ficar atento para não termos que correr atrás do prejuízo. Precisamos nos organizar enquanto sociedade para lidar com os efeitos relativos à mudança climática. A gente já sabe que essas coisas virão, mas nós precisamos aprender a reagir a isso e ver os problemas para não colher tragédias humanitárias", declarou o professor.

A importância da comunicação climática em relação à conscientização pública dos eventos extremos

Alecir também relatou que a maior parte das pessoas subestima os eventos extremos decorrentes de alterações climáticas e os vê como algo muito distante de suas vidas. Porém, a conscientização pública sobre as mudanças climáticas e os riscos ambientais é essencial. Isso traz à tona o papel crucial da comunicação

climática em contextualizar e explicar à população a grandeza do que vem acontecendo. "É fundamental que a comunicação climática contextualize o problema. Não adianta a gente falar que é um evento extremo que acontece sem nenhuma conexão com a crise climática. Na verdade, o que tem que ser feito é comunicar à sociedade que aquilo ali faz parte de um problema maior e como tudo isso está conectado num grande sistema, o sistema do planeta", explica Victor de Matos.

Matos acrescenta que casos intensos recentes, como no Rio Grande do Sul, vêm como um alerta de que eventos climáticos extremos têm acontecido cada vez mais e o impacto sobre as comunidades humanas também tem sido cada vez maior; um convite para que a população reflita e pressione as lideranças do país a se comprometerem com políticas públicas voltadas para a adaptação climática.

Questão Internacional Coordenada

Uma das formas usadas pela humanidade para tentar lidar com as questões climáticas são os acordos internacionais. Desde os anos 1970, com a Conferência de Estocolmo, primeiro evento promovido pela Organização

das Nações Unidas (ONU) para discutir fatores ambientais de maneira global, o mundo tenta criar uma espécie de governança mundial para lidar com o meio ambiente. Diversos outros encontros, como a ECO-92, Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente e desenvolvimento que aconteceu no Rio de Janeiro e a COPs, conferência anual que reúne mais de 150 países para discutir as regras práticas da Convenção do Clima, aconteceram e acontecem desde então a fim de unir líderes e sociedade civil para enfrentar a crise climática de forma coletiva.

"Os acordos são a expressão dessa tentativa de criar uma governança global sobre as mudanças do clima, sobre o meio ambiente. Porque a gente deve lembrar que no sistema mundo nós não temos uma categoria que esteja acima dos estados nacionais, então é preciso costurar acordo entre os diversos atores para que a gente consiga lidar com isso. Os estados mais fortes acabam determinando os rumos de forma que o sistema opere para não entrar num caos. É um fenômeno atmosférico que não obedece fronteira", esclarece Alecir sobre a necessidade de uma resposta internacional coordenada para enfrentar as mudanças cli-

máticas.

Alecir explica ainda que essa tentativa de firmar esses acordos internacionais tem a ver com o entendimento de que algo que ocorre em um país se conecta facilmente com os outros através do funcionamento do sistema ambiental terrestre. Porém, Victor de Matos aponta os desafios para que esses acordos aconteçam de fato: "Como que os países desenvolvem vão organizar esse dinheiro para que os países do sul global tenham acesso? O grande desafio atual tem sido justamente nessa linha de pensar primeiro no financiamento, como você distribui isso e depois nas estratégias mais adequadas".

De uma maneira geral, os especialistas concordam que o mundo está caminhando para níveis diferentes de aquecimento, que podem ser menores para os otimistas e maiores para os pessimistas. "O grande problema é que a gente sabe claramente que as nações mais vulneráveis são aquelas que têm maior dificuldade de lidar com essas adversidades. Construir a resiliência pressupõe uma humanidade mais solidária com os mais vulneráveis. É preciso proteger e instrumentalizar essas pessoas, fornecer meios educar, esclarecer etc", defende o professor Alecir Moreira.



PUC Minas envia 170 toneladas de doativos ao RS



Doações arrecadadas pela campanha da Pastoral Universitária na unidade São Gabriel

Entre as diversas iniciativas solidárias às vítimas das enchentes no Rio Grande do Sul, a Pastoral Universitária da PUC Minas promoveu durante o mês de maio uma campanha de arrecadação de alimentos não perecíveis, itens de higiene pessoal, materiais de limpeza, roupas e calçados, cobertores, colchões e água mineral. Ao todo, foram arre-

cadadas 170 toneladas recolhidas nas oito unidades da universidade no estado; Coração Eucarístico, São Gabriel, Praça da Liberdade e Barreiro em Belo Horizonte; Contagem, Betim, Poços de Caldas e Serro. A campanha SOS Rio Grande do Sul reuniu mais de 700 pessoas, que trabalharam voluntariamente na triagem e organização das doações.



Caminhão é carregado com doações para a SOS Rio Grande do Sul



CHARLES TORRES

Grandes edifícios influenciam o clima de Belo Horizonte

Prédios interferem na circulação de ventos e fazem aumentar o calor na capital

Daniel Domiciano . 32p
Luísa Camargos . 32p

A construção de grandes edifícios em Belo Horizonte aumentou recentemente, e gerou dúvidas sobre uma possível influência na circulação de vento e em mudanças climáticas na cidade a longo prazo. Na região do Belvedere, os edifícios "Belvedere Tower" já são três. Essas torres são edificações bastante elevadas e interferem na circulação de ventos que advêm da Serra do Curral e adjacências, inclusive trazendo umidade de áreas de matas do entorno da cidade. No passado, muitos acreditavam que, por serem regiões de importante entrada e fluxo de ar para a grande Belo Horizonte, seria proibida a construção de grandes edifícios, como no Belvedere, Vila da Serra e Nova Lima. Mas não foi o que aconteceu. O corte de

63 árvores no entorno do Mineirão, realizado recentemente, também gerou preocupação em relação ao clima e a arborização da cidade.

Segundo Álvaro Cunha Figueiredo, geógrafo da Subsecretaria de Planejamento Urbano (Suplan), "as estruturas de edificações conformam uma barreira ao vento e ao conforto climático natural resultante do fluxo de ar". Ele destacou que existem vários estudos que apontam que a edificação de grandes áreas sem um planejamento adequado do desenho de implantação modifica a circulação de ar ao nível do solo.

A autorização de edificar em Belo Horizonte é uma atividade comumente exercida pela Subsecretaria de Regulação Urbana (Sureg). No entanto, os preceitos e regimentos que envolvem essa aprovação se vinculam a normas em que a Subsecretaria de Planeja-

mento Urbano tem ação efetiva de regulamentação, como o Plano Diretor e o Código de Edificações.

Além das grandes construções, que aumentaram recentemente, a retirada de 63 árvores na capital mineira, na região do Mineirão, gerou grande repercussão, com especialistas alertando sobre os impactos negativos dessa medida para o meio ambiente e para a qualidade de vida da população. O clima na cidade pode não só alterar com os grandes edifícios que barram os eventos advindos da Serra do Curral, mas a falta de árvores também torna a cidade mais quente.

De acordo com o mestre e doutor em ecologia, Thiago Metzker, os impactos atingem a biodiversidade, a fauna, a flora e até o efeito cênico paisagístico que promove o bem-estar social na cidade. "A arboriza-

ção influencia, sim, no microclima de uma cidade. O ideal é uma cidade bem arborizada, com espécies adaptadas ao paisagismo", acrescentou.

Para Thiago, elas influenciavam no microclima local através da fotossíntese e a retirada de CO₂ da atmosfera. "Um conjunto de água produz oxigênio e considera uma melhoria do microclima local, então as árvores têm um papel fundamental nesse microclima", explicou.

Belo Horizonte está com o clima desértico?

O ativista ambiental Gustavo Gazzinelli alerta que o clima está mais quente na capital e chama atenção pela grande velocidade de aglomerações e que há desertos no entorno. "Hoje está mais quente e a tendência é a coisa piorar. Já temos alguns desertos no entorno. Vide as grandes

extensões contínuas de mineração e a sabotagem que o golpe militar de 1964 e as mineradoras fizeram aos nossos complexos ferroviários - o que tem grande interferência na velocidade das aglomerações de lugares e urbanidades baseados no transporte rodoviário", detalhou o profissional.

O ativista também lembrou que houve outras ações de impacto ambiental e climático na cidade e, para ele, o primeiro impacto também é o moral. "Recentemente, houve essa reforma escandalosa do Mineirão, para a Copa de 2014. Arrancou um grande número de árvores. Outras foram plantadas em compensação - parte delas foi ou será cortada agora, para um novo projeto escandaloso no mesmo Mineirão", declarou. E completou: "A política de meio ambiente municipal fica desprestigiada, porque nada vale. Você planta hoje em compensação e ama-

nhã vem um novo maluco e manda cortar".

Gustavo contou que plantar novas árvores é uma solução a longo prazo, tendo em vista que elas demoram longos anos para crescer. Para ele, devem ser estabelecidas metas de zerar supressões de áreas verdes e ampliá-las. "Deve fiscalizar com rigor e profissionalismo a gestão das árvores nas ruas - com código de posturas e multas pesadas para quem cimenta o canteirinho de cada árvore ou que substitui árvores de médio e grande porte por arbustos", explicou.

Tendo em vista todas as explicações e opiniões dos especialistas consultados, o que resta para o belo-horizontino é observar o clima na cidade nos próximos anos e, claro, colaborar e ajudar a cuidar e preservar a capital que, segundo estudos, ainda é uma das cidades mais arborizadas do Brasil.

Mineração impacta a prática de esportes radicais em Minas Gerais

Cercada por montanhas, vales e rios, Minas Gerais tem atraído turistas de todo o Brasil para a prática de esportes de aventura, mas a exploração de minérios ameaça a atividade

Segundo o IBGE, Minas Gerais é líder em crescimento turístico no Brasil. Ainda segundo a entidade, de outubro de 2022 a setembro de 2023, o crescimento do turismo em Minas foi de 23,9%. Além da famosa gastronomia e das cidades históricas, outras categorias têm sido o motivo do aumento na área do turismo. Sua geografia única traz aventureiros de todo o globo para a prática de esportes radicais. Em 12 de setembro de 2016, Belo Horizonte recebeu o título de "Polo Nacional do Esporte Radical e de Aventura". Esse título não foi dado em vão, tendo em vista que as práticas desses esportes têm crescido e atraído cada vez mais pessoas para as alturas mineiras. Na BR-040, na altura da Serra da Moeda, é possível ver parapentes, asas deltas e paraquedas voando pelos ares. Os aventureiros vo-

adores saem do Topo Mundo, em Brumadinho. Além de saltos, a Serra do Cipó conta ainda com divesas trilhas e cachoeiras, sendo também palco para outros esportes de aventura, como o ciclismo, a escalada e a tirolesa. Ao lado da Serra, a cidade de Conceição do Mato Dentro conta com a 3ª maior cachoeira do Brasil, a Cachoeira do Tabuleiro, que tira o fôlego de qualquer trilha. A mineração está presente no estado de Minas Gerais desde os primórdios da colonização. O estado segue sendo o que mais produz minério no país, sendo o minério de ferro o líder em extração. Segundo dados do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), 67 das reservas de minérios no país estão localizadas no estado. Em 2023, a indústria da mineração brasileira faturou cerca de 248 bilhões de

reais e 41,7% desse faturamento veio do estado de Minas Gerais (cerca de 103 bilhões de reais). De 2022 a 2023, o faturamento proveniente da mineração no estado aumentou 3%.

A mineração e suas consequências

Dermeval Athayde, presidente da Federação de Minas Gerais de Paraquedismo e diretor executivo do Comitê Aerodesportivo do Brasil (CAB), salientou que é cada vez mais comum paraquedistas que frequentam o espaço da Serra do Cipó apresentarem problemas de origem respiratória. O paraquedista ainda citou as dificuldades relacionadas aos veículos de carga que rondam a região. "Para quem vem procurando paz, não encontra: muito ruído, muitos caminhões e um trânsito cada vez mais caótico." Dermeval ainda ressaltou: "Algo deve ser feito pelas autoridades, não só para nós, paraquedistas, mas para todos os turistas e moradores da região. A Serra é um patrimônio único e deve ser tratado como tal".

desfruta dos esportes que a região oferece.

Dermeval Athayde, presidente da Federação de Minas Gerais de Paraquedismo e diretor executivo do Comitê Aerodesportivo do Brasil (CAB), salientou que é cada vez mais comum paraquedistas que frequentam o espaço da Serra do Cipó apresentarem problemas de origem respiratória. O paraquedista ainda citou as dificuldades relacionadas aos veículos de carga que rondam a região. "Para quem vem procurando paz, não encontra: muito ruído, muitos caminhões e um trânsito cada vez mais caótico." Dermeval ainda ressaltou: "Algo deve ser feito pelas autoridades, não só para nós, paraquedistas, mas para todos os turistas e moradores da região. A Serra é um patrimônio único e deve ser tratado como tal".

MACHISMO NO FUTEBOL: como a discriminação afeta o princípio de respeito no esporte em Minas Gerais

Estado apresenta atraso em combate ao preconceito no esporte mais popular do Brasil

Antônio Cardoso . 32p
Gabriel Arlindo . 32p
João Vitor Rangel . 32p
Lucas Silveira . 32p
Neemias Feres . 32p

Após superar recordes de público nos estádios e de audiência, com cerca de 500 mil torcedores a mais do que esperado pela FIFA, a Copa do



Francisca Acuña comanda treino do projeto Fran Club

Mundo Feminina de 2023 foi marcada por um episódio que ofuscou a expressiva marca alcançada pela competição. Luis Rubiales, na época, presidente da Federação Espanhola de Futebol, beijou sem consentimento a atleta Jenni Hermoso, durante a cerimônia de premiação da seleção espanhola, campeã do torneio. A dentista Débora Valle, atle-

ta do projeto Fran Club - organizado pela ex-jogadora da seleção chilena, Francisca Reyes, na intenção de popularizar o futebol feminino por Belo Horizonte -, argumenta que, após a Copa de 2023, a mídia começou a se importar mais com o futebol feminino, mas ainda está longe do ideal.

O episódio foi amplamente criticado e reacendeu discussões sobre preconceitos que ocorrem frequentemente em Minas Gerais, mas que não recebem a mesma atenção da imprensa e das federações. A ex-coordenadora de Futebol do Atlético Feminino, Nina Abreu, argumenta que a mídia mineira é muito preconceituosa como um todo e ainda não tem o cuidado devido para abordar questões raciais e de gênero, tratando o tema de maneira abusiva.

Aliada à influência da mídia na perpetuação das ques-

tões sociais, a entidade máxima do futebol de Minas Gerais, a Federação de Futebol de Minas Gerais (FMF), também tem grande responsabilidade em relação ao tema. Nina afirma que era reprimida pela Federação na época em que estava trabalhando lá quando mencionava o combate aos preconceitos e a busca pela igualdade no esporte. "Eu deixava quieto e, infelizmente, não peguei uma época em que a FMF abraçava essas causas."

Comparado a outros estados, Minas Gerais parece se desenvolver de forma extremamente tardia em relação ao preconceito. Ramona Rêpoles, gerente de projetos e também atleta do Fran Club, relata que o cenário do futebol feminino enquanto ela jogava em Curitiba era bem mais desenvolvido e as "peladas" femininas não eram tão raras de se encontrar. "Futebol masculino tem de mon-

te, se você levantar a mão pro alto, você acha homem para jogar bola aqui em Minas Gerais, mas jogos femininos são raros de se encontrar, o cenário aqui é extremamente longe do ideal, sorte que temos a Francisca para obter essa oportunidade, entrega e conhecimento".

Quando abordado pelas mídias, a ideia de masculino e feminino se torna um embate sobre qual é melhor ou pior, trazendo opiniões extremas que depreciam um em comparação ao outro. A artista plástica Mariana Junqueira, atleta do Fran Club, argumenta que falta aos líderes de organizações promover a oportunidade da modalidade se popularizar. "Falta para os homens, principalmente os que estão no poder, é enxergar o futebol feminino como uma porta que se abre, como outra oportunidade, ele não tem que bater de frente com o masculino, são dois esportes diferen-

tes". A polarização do tema, prejudica e força narrativas que levam aos ataques presentes nas redes sociais, necessitando que as coberturas esportivas deem a devida atenção para não posicionar a modalidade apenas como cota.

"Eu me encontrei numa Belo Horizonte atrasada", afirma Francisca Reyes, ex-jogadora da Seleção Chilena e treinadora, sobre a falta de incentivo para meninas que almejam jogar futebol, em comparação com o apoio recebido pelos garotos. Mesmo que existam projetos de estímulo ao esporte, a defasagem causada pelas proibições históricas as mulheres à prática do esporte, até meados da década de 80, tornam a igualdade dentro e fora das quatro linhas um sonho ainda distante, como enfatiza a treinadora: "Eu gostaria que o país do futebol não fosse somente para os meninos, mas também para as meninas".

Futebol Feminino: a falta de investimento e de visibilidade que impacta no esporte

Como alguns desafios enfrentados no futebol feminino afetam o sonho de milhares de mulheres

Leticia Souza . 22p
Marina Santos . 22p
Thiago Brene . 22p

No fim de 2023, várias jogadoras do time feminino do Atlético Mineiro fizeram denúncias sobre as más condições de trabalho que o clube dava, como falta de material e local adequado para treinos. Em 2024, o Atlético reformulou praticamente o elenco inteiro, e o investimento caiu de R\$ 9 milhões para R\$ 5 milhões. Desafios como esses também são comuns na prática do futebol feminino no interior ou nas escolas. Há uma disparidade na visibilidade e inves-

timentos dados ao futebol masculino em relação ao futebol feminino. Apesar disso, o país se prepara para receber o maior evento de futebol feminino do planeta, a Copa do Mundo FIFA 2027. O anúncio do evento, feito em maio, é uma esperança para muitas meninas que sonham em ver a modalidade com mais aceitação e cuidado por parte dos governos e dos próprios clubes.

A fundadora e organizadora do time amador Caieiras Futebol Feminino, Ana Luiza Lopes, contou como foi levantar investimentos para o projeto e levar o time para

campeonatos regionais. Ela destacou que o seu objetivo principal era fazer o time continuar competindo nas microrregionais, amistosos e competições mesmo após a escola. Com esse objetivo, o Caieiras Futebol Clube foi criado.

"Às vezes parecia que as pessoas faziam muito por caridade, sabe? Não por se sentir representado por aquele time."

Sobre o investimento do time, ela destacou que não teve ajuda da prefeitura por questões burocráticas, mas, mesmo sem o apoio, o time conseguiu doações de coletes, bolas profissionais e coisas básicas para treino. Ana também pontuou

que o time ganhou patrocinadores de lojas do bairro com a ajuda e entusiasmo de todas as meninas do time que também ajudaram a pagar uma mensalidade no valor de R\$ 20 ou R\$ 10 por mês para ajudar no caixa do time.

Ela deixa uma mensagem para quem está começando agora no futebol feminino e para a sociedade no geral.

"O futebol feminino não precisa de ter voz porque, na verdade, nós já temos. O futebol feminino precisa ser ouvido. As jogadoras querem ser ouvidas, querem mostrar o seu talento e querem ser reconhecidas pelo esporte. Então, procure mais não só sobre o futebol feminino, mas sobre o esporte feminino no geral."

A ex-jogadora do time de futebol feminino de Pará de Minas, Brenda Santos Ruas, 18, compartilhou sua experiência e os desafios enfrentados durante a carreira. Ela descreveu o período em que jogou pelo time local como um dos mais gratificantes de sua vida. No entanto, teve de abandonar o esporte por causa do preconceito enfrentado. Segundo Brenda, a atitude hostil de alguns homens, que acreditam que futebol é um esporte apenas para eles, tornou-se insupor-



O time feminino Caieiras Futebol Clube



Brenda Santos Ruas, ex-jogadora do time de futebol feminino de Pará de Minas

Sua história reflete uma realidade comum para muitas jogadoras, que lutam contra barreiras sociais e econômicas para manter sua paixão pelo futebol.



Área de prática de parapente na serra da moeda - João Plá

João Víctor Plá - 32p
Luiz Otávio Teixeira - 32p

A Serra do Cipó tem sido uma das várias regiões ameaçadas pela atividade extrativista no estado. Apesar do local ser considerado uma área de conservação protegida, empresas mineradoras instaladas em Conceição do Mato Dentro e Morro do Pilar têm invadido parte da localidade, com o intuito de extrair recursos minerais da serra. Em 2012, um projeto encabeçado pela mineradora Manabi Holdings, cujas atividades são voltadas exclusivamente para explorar o minério de ferro da

região, foi aprovado em parceria com o governo do estado de Minas Gerais, na premissa de gerar empregos para as cidades próximas e arrecadar um alto valor em tributos. Com isso, foi aprovada a extração de 25 milhões de toneladas de minério por ano. Tal projeto afeta os frequentadores do parque, que buscam a prática de esportes e são surpreendidos com a poeira tóxica proveniente da mineração e o ruído desagradável dos veículos de carga nas estradas de acesso para a serra. Além dos praticantes de esportes de aventura, a mineradora afeta a população local, que tem que lidar com os incômodos durante todo o ano.



"As Torcedoras" em jogo do São Christóvão x Botafogo. Registro da Revista Careta, 17/05/1919

O estádio é lugar de torcida: substantivo feminino

As vozes e força das mulheres que ecoam nas arquibancadas do futebol em Belo Horizonte

Ana Clara Torres . 3ºp
Luiza Gomes . 3ºp
Duda Abranches . 3ºp
Náthaly Escobar . 3ºp

A cena feminina das torcidas de futebol em Belo Horizonte é reflexo da força de organizadas da capital mineira que, com coletivos e movimen-

tos, se unem para ocupar e reivindicar espaços. Em meio aos jogos dos times do América, Atlético Mineiro e Cruzeiro, elas reafirmam a presença das mulheres no futebol, dentro e fora dos campos.

Em um ambiente pensado para e por homens, o maior símbolo de representação do

futebol nascia com um simples gesto de mulheres que preenchiam o cenário das arquibancadas já no século XIX. Os textos do cronista Henrique Coelho Netto, membro da Academia Brasileira de Letras, popularizou a expressão que se tornaria constante nos jornais: as "torcedoras". O termo se origi-

na daquelas que torciam seus lenços, luvas ou fitas pelo entusiasmo, calor e nervosismo durante os jogos.

As torcedoras se espalharam por entre os estádios e queriam assumir os papéis de uma narrativa em que pudessem manifestar sua paixão pelo futebol, sem medo. A pesqui-

sa "A Torcida Brasileira", conduzida pelo UOL em parceria com o MindMiners em 2022, revelou que, do total de torcedores no Brasil, 51% são homens e 49% mulheres, quase um empate técnico. Além disso, 68% das mulheres no país torcem para algum time de futebol filiados à CBF, totalizando um

montante de cerca de 70 milhões de torcedoras. Apesar disso, a vontade de ir ao estádio nunca foi o suficiente. Todo machismo, preconceito e sexualização que historicamente as colocaram para fora dos estádios impulsionaram a organização dessas mulheres, rezosas de ir aos jogos sozinhas.

Torcida organizada BATOM VERDE - América-MG



Arena Independência, palco das partidas do América-MG

"As suas cores são alvíverdes, tua torcida feminina é demais." Assim, fazendo jus ao hino do América-MG, surgiu a Torcida Organizada Batom Verde durante o Campeonato Mineiro de 2006.

Fundada por duas primas, Andrea Vieira e Perla Lembi, criadas em uma família de americanos, a paixão pelo coelho

foi passada de geração a geração. Naquele período, as mulheres que frequentavam os estádios eram conhecidas como "Marias Chuteiras", já que, na visão de muitos, queriam apenas chamar atenção dos jogadores e dos homens presentes. Com o objetivo de desmistificar essa percepção e fortalecer a participação feminina na ar-

quibancada, Andrea e Perla criaram a organizada, que teve um grande apoio financeiro de um dos maiores patrocinadores do América na época, uma famosa marca de cerveja.

O curioso nome Batom Verde surgiu da combinação de dois elementos. "Toda mulher praticamente usa batom, e aí a gente tava pensando em

um nome, que relacione a torcida feminina com o verde do América", explicou Andrea. A ideia inicial era "Torcida Feminina Batom", mas o nome soava incompleto. Foi então que, em conjunto com Perla, a decisão de adicionar o "Verde" surgiu, finalizando a identidade da torcida e criando uma ligação ainda mais forte com o time.



Andrea Vieira final do Campeonato Mineiro de 2016

Grupa - Atlético-MG

No início do ano de 2016, o Clube Atlético Mineiro

organizou um desfile para a divulgação das novas camisas do time, fornecidas pela empresa Dry World. As modelos femininas foram sexualizadas na apresentação, tendo desfilado apenas de biquíni e algumas, também, com

as novas blusas reveladas. Em meio a protestos contra a ação promovida pelo time alvinegro, torcedoras se uniram e expressaram insatisfação sobre o ocorrido e, então, começaram a se reunir para frequentarem juntas os estádios e jogos, formando o coletivo "Grupa" - nome que enfatiza o

feminino do conjunto. O machismo e a misoginia são aspectos presentes no universo do futebol, não só nas cadeiras dos estádios, mas na arbitragem e nos campos. O coletivo, conhecido por se posicionar contra injustiças sociais, se tornou, então, uma forma de apoio e suporte para mu-

lheres que buscam acompanhar os jogos. Em entrevista, a professora Luciane Soares, integrante da Grupa, defendeu: "Depois do surgimento, a gente começou a fazer as campanhas assim: 'Você tá afim de estar no estádio e não tem companhia? É mulher e tá com medo? Vem com a gente'".



Arena MRV, estádio recém inaugurado do Clube Atlético Mineiro

Comando feminino Máfia Azul - Cruzeiro-MG

JARDEL LIMA FOTOGRAFIA



Integrantes do Comando Feminino Máfia Azul antes da partida entre Cruzeiro x Atlético pelo Campeonato Mineiro de 2018.

Fundado em 1977, o Comando Feminino surgiu como mais um dos vibrantes comandos que compõem a Máfia Azul, torcida organizada do Cruzeiro Esporte Clube. Unindo as mulheres apaixonadas pelo futebol, ele foi criado com o propósito de ampliar o espaço e a voz feminina na torcida.

Membro da organizada desde 2005, a psicóloga Anna Liberato conta a respeito dos

desafios de ser mulher em um ambiente majoritariamente masculino: "A gente tem aí a desvalorização da mulher de uma forma geral, assim, em todos os sentidos. Nossa opinião não tem o mesmo peso, então, muitas vezes, a gente tem ideias para agregar na torcida, mas não tem voz. Na verdade, a gente fala e não tem o mesmo peso se o homem der essa mesma opinião".

Atualmente contando com mais de 200 mulheres, o Comando Feminino da Máfia Azul realiza diversas ações voltadas para o público feminino. As redes sociais são suas principais aliadas na divulgação de informações sobre a torcida e até mesmo de campanhas de conscientização sobre a violência contra as mulheres, por exemplo.

Marcando presença no setor amarelo superior do Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), as mulheres da máfia azul com muito charme e disposição, conquistam cada vez mais o seu espaço nas arquibancadas.

Apesar da tradicional rivalidade existente entre os times mineiros, as organizadas femininas encontraram um objetivo em comum nos estádios. O torcer extrapolou a adrenalina dos jogos e se tornou reivindicação de direitos e espaços.



Caldense, jogando em casa, se torna campeã mineira em 2002

Diogo Francisco . 3ºp
Lucas Bernardes . 3ºp
Maria Eduarda Mira . 3ºp
Raul Varoni . 3ºp

Poços de Caldas, cidade do Sul de Minas, tem o futebol como uma de suas tradições. Recebeu, em 1958, a seleção brasileira que seria campeã do mundo naquele ano, na Copa do Mundo da Suécia, para preparatórios que incluíram banhos termais. Na época, estiveram na cidade grandes nomes do futebol como Pelé e Zagallo.

O futebol profissional em Poços de Caldas teve início em 1925, com a criação da Associação Atlética Caldense, a Veterana, que, ao longo dos anos, disputou a elite do futebol brasileiro e mineiro, além da Copa do Brasil. No ano de 2002, o time conqui-

tou o seu primeiro e único título do Campeonato Mineiro. A conquista foi um marco na história do futebol em Minas Gerais: a primeira vez que um time fora da região metropolitana de Belo Horizonte conquistava o título estadual.

O ex-jogador Wellington Guimarães, conhecido como Paulista, que compôs a equipe campeã naquele 2002 tão especial, conta que jamais esquecerá os momentos que viveu naquela partida decisiva entre Caldense e o Nacional de Uberaba, quando o placar terminou em 2x0 para o time de Poços de Caldas.

"Naquele dia, não conseguimos descer próximo ao Estádio Municipal Doutor Ronaldo Junqueira, local que seria realizada a partida. No apito final, a festa foi tanta que a

Poços de Caldas: a trajetória do futebol entre glórias e desafios

Dos momentos históricos da Caldense ao fervor dos clássicos entre o Vulcão e a Veterana



torcida eufórica invadiu o campo para comemorar o título", relembra.

O futebol é uma modalidade tão apreciada na cidade que, em 2007, foi fundado o Poços de Caldas Futebol Clube, o Vulcão. As duas equipes se encontraram frente a frente, no ano seguinte, quando a Veterana e o Vulcão disputavam o Módulo II do Campeonato Mineiro. No dérbi teve transmissão ao vivo na cidade e a Caldense levou a melhor na oportunidade, vencendo o Vulcão por 2x0.

A história do Poços de Caldas teve altos e baixos desde a sua fundação. Após passar por uma crise financeira, a equipe encerrou as atividades em 2013, e somente voltou à ativa no ano de 2017, depois de ser adquirida por uma empresa do esta-

do de São Paulo. O clube foi bem dentro de campo, mas enfrentou dificuldades financeiras fora dele, o que resultou em outra pausa em 2019. Uma nova diretoria assumiu em 2020 e anunciou um projeto de reestruturação do clube e de sua imagem. O Vulcão segue ativo, apostando em parcerias, jovens talentos no esporte e o crescimento da equipe para novos desafios no Mineiro.

Antes da atual reestruturação, a rivalidade entre os clubes da cidade sempre foi uma das mais intensas do futebol mineiro. Paulista, que foi ídolo da Veterana, em 2009, jogava pelo Vulcão e relembra como foi vivenciar o clássico que terminou com vitória em 3x0 para a Caldense. "Eu tive a oportunidade de jogar esse clássico, mas

rante esse período todo, os minerais de terras raras ficam grudados nas placas de argila. A partir daí, a gente precisa fazer o tratamento do minério para, então, poder separar o que tem de terras raras do restante dos minerais que estão presentes nessa argila", diz Santo.

O comércio de terras raras envolve uma cadeia logística complexa que se estende por várias etapas, desde a extração nas minas até a entrega aos clientes em todo o mundo. Países como China, Austrália e Estados Unidos

são importantes produtores desses elementos e o processo de exportação geralmente começa com a mineração e o beneficiamento das terras raras brutas. Em seguida, esses materiais são refinados e processados em instalações especializadas para atender às especificações dos clientes e garantir a qualidade dos produtos finais.

Além disso, no caso de Poços de Caldas, a exploração de terras raras pode gerar empregos diretos nas operações da mineração e indiretos em setores de apoio, como

transporte e serviços. "Nessa primeira fase, o número de empregos gerados é em média de 300 a 400 vagas, e a cada fase que for sendo aprovado o objetivo é a crescente desses números", afirma o secretário de desenvolvimento Econômico e Trabalho de Poços de Caldas, Franco Martins. Por outro lado, a experiência da exploração de lítio em outras regiões de Minas Gerais, como Araçuaí e Itinga, no Vale do Jequitinhonha, indicam necessidade de atenção e cuidado, por causa dos impactos ambientais e sociais gerados.

Outro atleta que teve passagem pela cidade, na Caldense, foi Walter Casagrande. O ídolo do Corinthians foi emprestado à Caldense em 1981, e responsável por liderar uma vitória sobre o Atlético Mineiro por 2x1. Paulo Roberto, ex-jogador da Caldense e capitão da equipe na época, morava com Casagrande e relata momentos em que o aconselhava: "Casão, amanhã tem jogo. Vamos segurar aí e depois do jogo você fica à vontade com seus amigos para aproveitar", conta. Casagrande viveu situações de muitas dificuldades na vida pessoal na luta contra a dependência química.

O futebol e o povo poços-caldense tem relação fervorosa. Ao longo de gerações, muitos torcedores prestigiam o futebol da cidade. Entre os torcedores mais conhecidos do futebol local está Dácio Júnior, mais conhecido como "Veinho". Desde 1975, o torcedor nunca deixou de acompanhar os jogos, em especial os da Caldense. "Eu vim de Itapira, estado de São Paulo, e aprendi a gostar da Caldense. O que mais me marcou nessa trajetória foi o título de 2002 e o Campeonato Mineiro de 2015 quando a Caldense foi vice-campeã. Caldense é meu orgulho, minha vida e minha paixão", declara.



Vista do alto, na cidade de Poços de Caldas, a exploração de terras raras promete transformar toda a região

Aumento de casos de doenças infecciosas gera alerta

Cobertura vacinal no país é colocada em xeque após registro de infecções antes consideradas erradicadas

Bernardo Batista Alves . 3ºp
João Pedro Diniz . 3ºp
João Gabriel Ferreira . 3ºp

Doenças como sarampo, dengue, caxumba e varicela têm ressurgido em diferentes partes do Brasil, alarmando profissionais de saúde e autoridades governamentais. Um dos principais fatores que contribuíram para esse retorno é a diminuição da cobertura vacinal em muitas regiões, causando surtos que poderiam ter sido evitados. O sarampo, por exemplo, é uma doença infecciosa, ocasionada pelo vírus Morbillivirus, sendo transmitido através da tosse, fala, espirros e até respiração. De acordo com o site Blogmemed, até 2016, o Brasil era um dos

países que tinham erradicado o Sarampo, mas, em 2018, esse título foi perdido após o Ministério da Saúde confirmar 9.325 novos casos da doença. Outro grande inimigo da saúde atualmente é o Aedes Aegypti, que é o vetor de várias doenças, como dengue, chikungunya, zika e a febre amarela. A dengue é uma das doenças que mais tem assolado o Brasil nos últimos anos. No país, foram registrados mais de 4 milhões de casos no ano de 2024, além de serem contabilizados mais de mil mortos, sendo esse número o maior índice de casos desde 2000, de acordo com o site Agência Brasil e o G1. Essas doenças sofrem com o descaso de baixas procuras de vacinação.

Isso se dá, muitas vezes, pela falta de interesse tanto da própria sociedade como do estado. A maioria dos municípios brasileiros no ano de 2023 não conseguiu atingir a meta de vacinação do calendário infantil. A falta de conhecimento da população sobre datas e campanhas de vacinação é uma grande influência para a manutenção da baixa imunização entre as crianças, problema esse que vem se agravando desde a pandemia da Covid-19. Em matéria publicada por "O Globo", a partir de um estudo promovido pelo Instituto Locomotiva, a pedido da Pfizer, uma média de 68% de mães responsáveis já se sentiram confusas quando o assunto é

a imunização de seus filhos, no qual 45% delas afirmaram que isso ocorre pela falta de informação no calendário de imunização. O médico especializado em Medicina da Família e no SUS, Rogério Cosenza dos Santos, ao ser questionado sobre a visão que os médicos possuem sobre o retorno de doenças que estão em baixas como no caso do sarampo, poliomielite e caxumba, afirmou que: "A diminuição da vacinação na população se dá por influência de movimentos contrários à mesma. Outro fator é o aumento da globalização, em que, agora, as pessoas viajam mais para diversos países do mundo, inclusive onde determinadas doenças não foram erradicadas e, com o aumento de pessoas contrárias à vacina, muitas dessas doenças voltam a se espalhar". Ao falar sobre a dengue, o médico afirmou que "ainda há uma falta da população sobre os criadouros e focos de proliferação dos mosquitos, sendo preciso que haja campanhas governamentais que incentivam o cuidado. Também é importante que haja maior interesse das pessoas em auxiliarem nesse processo".

A pesquisadora de vacinas e de antibióticos da clínica Maximune, Cláudia Murta, que trabalha na área há mais de 20 anos, acredita que a baixa cobertura vacinal tem grande responsabilidade do poder público. "É irresponsabilidade

do governo sim, É preciso mostrar de uma forma clara porque essas doenças são importantes, mostrar de uma forma clara os riscos de cada doença, as mortes que ocorrem. É preciso que, nas escolas, a gente tenha um trabalho mais voltado para a prevenção", alertou. A pesquisadora ainda reforça que a educação é um caminho para engajar a população nas campanhas: "Não é descaso [dos cidadãos], e sim falta de educação, falta de educação. Educação no sentido de se educar essas pessoas para que elas entendam a importância da prevenção. As vacinas são consideradas os produtos farmacêuticos mais seguros que existem".



Cartão de vacina da campanha de prevenção contra a tríplice viral

PARA BH NÃO PERDER O BRILHO: os esforços da limpeza urbana na conservação da cidade

Impactando diretamente na preservação do meio ambiente e na saúde pública dos habitantes, o serviço se mostra cada dia mais essencial perante os desafios encontrados



Alguns espaços públicos da capital contam com lixeiras para reforçar a necessidade da coleta seletiva

Guilherme Martins . 3ºp

Ao transitar pelas ruas, avenidas e espaços públicos da capital, certamente encontraremos algo acontecendo. Seja uma simples varrição, um serviço de remoção de resíduos ou até um mutirão de ações integradas, as tarefas da limpeza urbana nunca param. Apenas no primeiro semestre deste ano, foram limpos nesses locais o equivalente a 116 campos de futebol. Essa conta fecha em 1.255.328 metros quadrados contemplados. Os funcionários da Superintendência de Lim-

peza Urbana (SLU), órgão responsável, retiraram dessas áreas um total de 3.712,42 toneladas de resíduos, montante formado por entulhos, inservíveis e vegetação.

Um dos maiores contrastes enfrentados hoje pela SLU é o lixo domiciliar gerado. Somente no ano passado, cada belo-horizonte não produziu, em média, 760 gramas por dia. O cálculo feito pela autarquia municipal considerou as 643.748,86 toneladas coletadas durante todo o período. Todos precisam ter consciência de que as mudanças diante desse

fato dependem da reflexão sobre o consumo exagerado.

Segundo a chefe do Departamento de Serviços de Limpeza Urbana da SLU, Erika Santos Resende, o material precisa ser exposto da maneira correta. Ela ressalta que essa deposição se torna um risco no momento em que são colocados indevidamente, fora do dia e do horário em que o caminhão faz o recolhimento. "Sabe-se que os sacos de lixo atraem animais de rua que podem rasgá-los, espalhando todo o seu conteúdo. Além da questão do mau cheiro, há o impacto visual negativo. No período chuvoso, esses resíduos entopem bueiros e galerias ao serem carregados pelas águas pluviais", destacou.

Em adição à coleta domiciliar, existe a coleta seletiva, que também ajuda a minimizar os impactos causados pelos resíduos no meio ambiente. "Somadas a uma boa

adesão da população e ao fomento através do poder público, a prática do retorno do material recolhido para a cadeia produtiva auxilia na redução do uso de recursos naturais na produção de embalagens e afins", completou.

Mão na massa

Todo esse cuidado surge diante da necessidade de preservação. O carinho com a cidade vem das mãos dos garis, que batalham pesado para deixar tudo no mais perfeito estado. Dulciano Linhares dos Santos, 32 anos, atua na regional Leste da capital e conta que é gratificante ser reconhecido pela dedicação no serviço prestado. "Sempre focamos em contribuir para um ambiente mais limpo e organizado. Nosso bem-estar depende disso, sendo justamente o motivo pelo qual zelo e prezo por um lugar mais saudável para se viver", declarou.



Mais que essencial e indispensável, a limpeza urbana é sinônimo de qualidade de vida e saúde

Além dos serviços mais comuns, também estão responsáveis pela limpeza de córregos, a lavagem das vias públicas, ao auxílio no combate a deposições clandestinas, entre outros. Sem eles, nada disso seria possível. Acima de tudo, não medem esforços diante das lutas diárias no exercício de sua profissão.

Na boca do povo

Há quem diga que as coisas andam no caminho certo. É dessa forma que Antônio Félix Valente, barbeiro, 73 anos, reconhece e elogia o trabalho dos garis.

"Mesmo sabendo que existem muitas demandas, vejo que as equipes de limpeza buscam saná-las em tempo hábil para não deixar a população esperando, a fim de trazer conforto e segurança para todos", afirmou. Ele acrescenta que todos devem fazer a sua parte, não descartando entulho ou lixo em lotes vagos, encostas, córregos, bueiros, e principalmente nas vias públicas. "Cuidar do que é de todos é o diferencial. As futuras gerações dependem dessa mobilização, em busca de uma Belo Horizonte conservada", pontuou.

A Educação de Jovens e Adultos no Brasil: sonhos que não envelhecem

Programa busca garantir acesso ao ensino a pessoas que não concluíram ensino básico na idade certa

Lais Milagres . 3ºp
Leonardo Rocha . 3ºp
Thiago Marinho . 3ºp

A Educação de Jovens e Adulto (EJA) é uma modalidade de ensino destinada para pessoas que possuem mais de 15 anos e que não completaram ou não tiveram acesso aos estudos regulares e buscam se graduar no ensino fundamental ou médio. Mais do que recuperar o tempo perdido, a EJA significa a realização de sonhos, a conquista de autonomia e a construção de um futuro promissor. Segundo o Ministério da Educação, os objetivos da modalidade ainda incluem a promoção do desenvolvimento integral dos alunos.

O professor Roberto Damasceno trabalha na EJA, unidade Betim, há 29 anos. Ele prestou o concurso da prefeitura em 1993 e foi convoca-

do no início de 1994. O educador contou que sempre ouviu comentários acerca do modelo, de alunos mais maduros e interessados em aprender, mas com muitas dificuldades. Esse panorama o atraiu para lá.

Dentre as maiores diferenças ao ensino regular, Roberto citou a infrequência como um fator que não reprova. "Geralmente, os alunos não têm tempo para fazer atividades escolares em casa e até mesmo para ir a aula", declarou o professor. O educador também comentou sobre a grande variação do nível de ensino e sobre a adaptação das atividades em sala para que sejam condizentes com a realidade dos alunos.

Roberto se mostra extremamente afetuosos ao projeto e aos alunos. "Sou apaixonado com a EJA. Recebo muito afeto, carinho, respeito e retornos positivos. É comum os ex-alunos visitarem a escola

com saudades", declarou. Por outro lado, ele lamenta a falta de suporte da prefeitura de Betim, com que sofre o modelo educacional. Transporte escolar de péssima qualidade e falta de verba para trabalhos de campo e excursões foram pontos negativos apontados por Roberto. Ele ainda contou que, muitas vezes, os professores e coordenadores bancam, com dinheiro próprio, projetos extracurriculares que seriam de responsabilidade pública.

O estudante Renato relatou que estudou apenas até a sétima série do ensino regular e depois de anos ingressou na EJA. Segundo ele, com sete anos de idade já trabalhava e, aos 13, já tinha seu primeiro emprego com carteira assinada, o que o fez abandonar a escola.

Renato salientou o acolhimento e apoio que a escola o ofereceu e disse que seu so-

no é cursar medicina.

A estudante Shirley relatou que, além da necessidade de trabalhar muito cedo, ainda foi mãe na adolescência, o que a fez largar os estudos regulares. Ela disse que voltou a estudar em busca de uma melhor qualidade de vida e de emprego e que, mesmo com as dificuldades de conciliar trabalho e estudo, não pretende abandonar a escola novamente. Ao fim, a estudante deixou um conselho para quem pensa em retomar os estudos: "Anime-se e não pare de estudar, porque depois você se arrependerá. Agora pago o preço por não ter ouvido conselhos que foram me dados, mas nunca é tarde e para conseguir algo melhor na vida, tem que ter o estudo".

Ao ver relatos como os de Shirley e Renato, fica claro como a falta de oportunidades e a necessidade de auxiliar na renda familiar desde criança

são fatores que interferem diretamente na educação brasileira. A EJA surge então como uma alternativa para aqueles, anteriormente privados de oportunidade, retomarem a vida acadêmica. Juntamente a professores apaixonados e que se empenham e dedicam

para o andamento do programa, como o caso de Roberto Damasceno, a Educação de Jovens e Adultos é uma solução a curto e médio prazo e que mantém vivo a chance de garantir a educação para todos.



56% dos alunos da EJA são mulheres e 65% são autodeclarados pretos ou pardos

Educação, formadora e inclusiva: o que pensam os profissionais da área

Em tempos atuais é preciso se pensar em uma educação que forme cidadãos íntegros e que considere as minorias

Thiago Lucchesi . 3ºp
Valderci Sebastião . 3ºp
João Victor Pereira . 3ºp
Rinaldo Robson . 3ºp

Na avaliação dos educadores, inclusão, diversidade e uma boa formação são elementos essenciais no processo de desenvolvimento dos estudantes. Porém, os métodos de ensino devem se adequar a individualidade de cada aluno. Nesse sentido, as avaliações dos profissionais da área entrevistados, caminham em sintonia, demarcando suas preocupações individuais com relação ao modelo de ensino. Inclusive, é importante ressaltar a relevância da formação qualificada nos primeiros anos educacionais, dando oportunidade de aprendizado para todos os indivíduos, independentemente de sua origem social, econômica ou cultural.

Segundo Valcenil Braga, di-



Alunos alegres para mais um dia de aula na CEMEI, Jardim Eldorado

retor da rede Batista de educação, o grande desafio hoje é se adaptar às mudanças tecnológicas que prosseguem se elevando cada vez mais, transformando a sociedade. Ele também indica um problema, que é o caso no qual boa parte dos professores não dominam a Inteligência Artificial (IA), justamente por terem nascido em uma época anterior ao surgimento dessas novas tecnolo-

gias. Enquanto que, a maior parte dos estudantes se adaptaram naturalmente a essa nova ferramenta, justamente por serem de uma geração mais moderna e terem crescido com esses artificiais à disposição. Sendo assim, é necessário esse conhecimento no meio acadêmico, que vem para facilitar determinadas tarefas produtivas. Além disso, os professores precisam se atualizar para não serem ultrapassados, e terem melhores resultados, afirmou. E também, o diretor da rede batista defende que para que haja um ensino completo, a educação deve ser integral. A educação integral, é aquela que considera o indivíduo como um todo, em todas as suas dimensões. No colégio batista mineiro vemos a educação integral, que é dividida

em quatro dimensões: dimensão cognitiva, que é a área da aprendizagem; dimensão ético-socioemocional, que é responsável por fomentar a integridade do aluno, com bons valores; dimensão física, estimular a atividade física e a dimensão espiritual, que é o ensino religioso. Nos colégios batistas são trabalhadas todas essas dimensões da educação integral, afirma Valcenil.

As desigualdades no acesso à educação no Brasil são preocupantes, os jovens de famílias de baixa renda, geralmente frequentam as escolas públicas, onde o ensino é mais precário se comparado ao ensino das escolas particulares, que são frequentadas por pessoas de classe mais elevada. E mesmo com as escolas distribuídas pelas localidades,

um ensino que aborde a perspectiva africana, reforça João Pio. O diretor da rede batista, Valcenil, também é a favor da reforma do ensino, porém neste caso com relação o ensino médio, pois acredita que os estudantes devem escolher lidar com as matérias com a qual se identifica.

A didática tem que ser interessante, atraente e agradável para a evasão escolar não se estender. As cotas raciais e sociais se tornam um marco para a inclusão. A reforma do ensino deve acompanhar a realidade atual dessa nova geração e a capacitação dos docentes não pode ficar de fora dessa pauta.

Sendo assim, uma formação formadora e inclusiva transforma pessoas, e essas pessoas transformam o mundo, que passará a priorizar o respeito e aprimorar a consciência coletiva.



Grande desafio hoje é se adaptar às mudanças tecnológicas que prosseguem se elevando cada vez mais, transformando a sociedade

Novas formas de ensino

Metodologia Waldorf investe na individualidade e criatividade do aluno

Ana Clara Cardoso . 3ºp
Karenn Rodrigues . 3ºp
Mariana Brandão . 3ºp

As formas de educação nas escolas se modificaram e continuam em constante evolução conforme as mudanças socioculturais, desde os tradicionais métodos de ensino até abordagens mais progressistas e inovadoras. Um exemplo de abordagem contemporânea são as escolas Waldorf. Segundo a Federação das escolas Waldorf no Brasil, a primeira escola foi fundada em setembro de 1919, na Alemanha, por Rudolf Steiner. No

Brasil, a primeira escola Waldorf foi fundada em fevereiro de 1956, em São Paulo.

A escola Waldorf abre espaço para o diálogo na administração e método de ensino, evitando a centralização das decisões, com um objetivo de liberdade entre as relações de escola e aluno, baseando-se nas ideias iluministas da revolução francesa: igualdade, fraternidade e liberdade. Isso não garante o bom funcionamento da escola, que depende do autodesenvolvimento e autodisciplina. É necessário a responsabilidade coletiva, como diz o fundador do método:

“O bem de uma integridade formada por pessoas que trabalham em conjunto será tanto maior quanto menos o indivíduo exigir para si os resultados de seu trabalho, ou seja, quanto mais ceder destes resultados a seus colaboradores, e quanto mais suas necessidades forem satisfeitas não por seu próprio trabalho, mas pelo dos demais” (STEINER, 2003, p. 36-37).

Keli de Assis é professora de uma escola Waldorf de Belo Horizonte há 20 anos, formada em licenciatura e pedagogia curativa e descreve a abordagem Waldorf como um espaço para a criança viver plenamente a infância, propiciando permissividade para o aluno pertencer ao local. Keli conta sobre as vivências fora do ambiente escolar, proporcionadas por essas instituições: “A grande maioria são alunos de uma camada da população, que se não for ofertado pela escola essa vivência de brincar fora, eles nunca veriam a possibilidade

de brincar na rua”. A Eucadora complementa, afirmando que, em outro caso, esses alunos teriam a rotina limitada a condomínio, escola, viagens e shopping e sem a experiência de brincar na rua e conviver com crianças de diferentes classes econômicas.

Em relação à mensalidade escolar, os pais têm a opção de pagar o “Valor Ideal” - que recebe essa denominação por ser constituída pelo montante da mensalidade e uma ajuda de custo para alunos bolsistas - porém, mesmo com essa disponibilidade de bolsas, esses estudantes representam somente 20% do corpo discente da instituição, evidenciando a inacessibilidade às camadas menos privilegiadas.

Rudolf Steiner x Paulo Freire

Em comparação a metodologias mais disseminadas no Brasil, como a educação libertadora, de Paulo Freire, a Waldorf se diferencia em alguns pontos. Para Freire, a

educação prioriza tornar o aluno um pensador crítico e participante da construção do conhecimento, além de promover a equidade e a justiça social.

O método waldorfiano prioriza o desenvolvimento holístico, o desenvolvimento integral do ser humano de maneira individualizada, incluindo aspectos físicos, emocionais, espirituais e a conexão com a natureza. O enfoque dessa abordagem, utiliza atividades artísticas e criativas para ensinar conceitos acadêmicos.

Vivência Waldorf

Há um debate a respeito da formação dos alunos da escola Waldorf para o mercado de trabalho. A psicóloga escolar Millena Teixeira discute sobre a funcionalidade desse método: “Acredito que, para que ela se torne funcional, é importante a reorganização geral da forma como se coloca a educação no Brasil, para que ela possa ser qualificada e validada no mercado de trabalho! Mas é uma boa oportunidade para formação de bons profissionais.”

Sofia Mármora é aluna numa escola Waldorf e explica sua rotina: “Enquanto nós temos as aulas tradicionais, vai equilibrando com outras

disciplinas e acaba que a gente vai vivenciando essas experiências. (...) Nós temos vários respiros durante as aulas. Você pode estar tocando, jogando um jogo... Realmente são experiências que nos traz vontade de estar fazendo as coisas e não só pensando em passar em alguma coisa.” Sofia também fala que, por mais que não haja a pressão do vestibular, muitos alunos Waldorf ingressam na faculdade graças aos conteúdos ensinados nas salas de aula.

Os pais de Sofia contam que o principal motivo de escolha para escola da filha foram as atividades práticas e artísticas: “Foi justamente um dos principais motivos que nos levou a escolha dessa escola, no sentido de uma visão mais humanista e realista da sociedade em que estamos inseridos”.

Além disso, Sofia fala sobre a felicidade de ver crianças e adolescentes com deficiências intelectuais nas escolas: “Jovens com depressão, ansiedade, bipolaridade e personalidades extremamente difíceis, tem muitas dificuldades de lidar com grupos sociais. E isso vem de como que essas pessoas se torturam e são torturadas dentro de um ambiente de ensino por não serem perfeitas.”

Brasil é o segundo país que mais sofre crimes cibernéticos na América Latina

Só em 2023, mais de 80 mil pessoas foram vítimas de golpes financeiros na internet tentando comprar ou vender algo

Leonardo Rezende . 3ºp
Alexandre Maciel . 5ºp
Geovana Kelly . 5ºp

O Brasil é o segundo país da América Latina que mais sofre crimes cibernéticos, conforme pesquisa realizada pela SAS Institute, empresa de business intelligence, que aponta também que a maioria dos consumidores brasileiros (80%) confirma ter sofrido algum tipo de fraude digital. O México ficou em primeiro lugar.

Com o passar dos anos, a tecnologia tem avançado cada vez mais nos equipamentos eletrônicos e na internet. Paralelo a isso, numa mesma crescente, os golpes cibernéticos também seguem esse mesmo ritmo. A cada dia, torna-se comum que um amigo, um conhecido ou até mesmo um familiar conte que foi vítima de algum golpe na internet. As pessoas que come-

tem esse tipo de delito estão bem empenhadas e articuladas na intenção de levar alguma vantagem financeira, a tal ponto de até criarem falsas centrais telefônicas para simular aqueles atendimentos eletrônicos usados em bancos, empresas de telefonia, das centrais de prefixo de telefone 0800 e muitas outras. É difícil perceber que se trata de um golpe, se a pessoa não estiver realmente atenta a isso.

Os criminosos, ao contrário do que se pensa, não estão totalmente invisíveis na internet. Existe um departamento de investigação próprio da polícia nas principais cidades do país que identifica o golpista e os golpes praticados. Em Belo Horizonte, existe uma unidade chamada Departamento Estadual de Combate à Corrupção e a Fraudes que fica na Avenida Francisco Sales, Nº 780, Bairro Santa Efigênia. Nesse

local, as pessoas vítimas de golpes podem prestar queixa e abrir boletim de ocorrência para investigação policial.

Segundo um levantamento realizado pelas seis maiores lojas online do país, mais da metade das vítimas (54%) estava tentando vender algum produto e caiu no golpe do falso pagamento, quando o golpista envia um comprovante do depósito da compra de um produto, mas o documento é falso. A vítima entrega o item e a pessoa some. A segunda maior modalidade preferida dos golpistas é a invasão de conta bancária (22%). Os golpistas utilizam o próprio login e senha da vítima para fazer compras na internet. Os falsos anúncios vêm em seguida, com 21%, com promoções que parecem muito vantajosas de celulares, videogames, computadores, eletrodomésticos ou produtos de áudio e vídeo.

Saulo Ximenes, morador do bairro Nazaré, trabalha



Departamento Estadual de Combate à Corrupção e a Fraudes - DECCOF é uma unidade especializada em combater crimes cibernéticos

com decoração de eventos e teve sua conta da rede social Instagram invadida por esses golpistas. Ele contou que foi fazer um trabalho de decoração em um resort localizado em Vespasiano, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, e que, ao chegar em casa, postou as fotos do trabalho em sua rede social e marcou a página do resort em sua publicação. Ao fazer isso, ele marcou uma página falsa, idêntica a página oficial do resort. Momentos depois da publicação, Saulo Ximenes recebeu uma mensagem do resort dizendo que eles estavam fazendo uma promoção e que, para parti-

cipar, ele deveria informar o número do próprio telefone e também um código que seria enviado pelo resort ao seu telefone. A partir daí, ele não teve mais acesso à conta do Instagram. Amigos relataram que sua página estava com vários anúncios de venda de produtos e pedidos de pix. Ele respondeu aos amigos que não era ele que estava vendendo tais produtos, pediu para não fazerem nenhuma transferência, porque que a rede social dele tinha sido invadida por golpistas. “Tive minha conta hackeada no dia 23 de dezembro de 2021 e até hoje não consegui recuperar a pá-

gina”, lamentou. Ele também informou que não teve nenhum contato da rede social para resolver o problema e que na própria plataforma só há scripts prontos difíceis de entender, que não dão clareza para solução desse tipo de problema de fato.

Devido à página estar no ar até hoje, ele procurou a delegacia especializada e fez um boletim de ocorrência apenas para se resguardar de futuros problemas envolvendo o próprio nome. Saulo fez outra página e colocou apenas uma senha mais forte e disse estar mais atento e precavido para não cair em novos golpes.



FOTO: ANA CLARA CARDOSO

Materiais utilizados em atividades artesanais, como culinária



Seminaristas: Reny Almeida, Gustavo Correia, Padre André vice-reitor do Seminário Arquidiocesano Coração Eucarístico de Jesus e seminarista Henrique Barbosa

Raquel Maria . 3ºp

Acordar cedo, rezar as laudes, ir à missa diariamente, estudar filosofia e teologia e, aos finais de semana, ajudar em uma paróquia. Essa é a rotina de jovens seminaristas que escolhem dedicar sua vida a Deus. São em média oito anos de estudo até a ordenação sacerdotal.

Com a ordenação sacerdotal prevista pra 2025, Gustavo Correia, cursa o último ano de teologia. Desde criança, ele já sonhava em ser padre, brincava de celebrar missas e fazer procissões. Cursou administração, trabalhou na área, mas o chamado de Deus foi maior e, a cada dia, ficava mais forte. Decidiu, então, ingressar no seminário. “Existia uma inquietude, um

chamado de Deus e eu precisava decidir isso pra minha vida. Para ser padre, são necessários três sins. O meu sim, o sim da Igreja e o sim de Deus. O padre, de alguma forma, é um administrador, seja daquilo que é sagrado, um dispensador dos sacramentos, mas ele precisa ser especialista em relacionamentos.” A profissão que ele tinha (administrador) o ajuda a lidar com pessoas, identificar talentos, trabalhar em equipe e lidar com aquilo que é material. Atualmente, ele é responsável pela parte administrativa do seminário. “Ser padre é muito mais do que celebrar missa, é anunciar o amor de Deus.”

“Arde no meu coração o desejo de ser padre para servir a Deus, a Igreja e ao povo,” conta o seminarista Henrique Barbosa, que cursa o 2º ano de filoso-

fia. Por volta dos 10 anos a cada vez que participava da missa ele sentia um chamado a algo maior: Cursou três períodos de gastronomia, mas trocou o mundo da cozinha para se dedicar a Deus. “O padre tem que ser uma ponte entre Cristo e as pessoas. Ele traz Cristo às pessoas através dos sacramentos.”

Natural de São Tomé e Príncipe, na África, Reny Almeida, há pouco mais de um ano no Brasil, já tem o Galo como seu time do coração. Cursou filosofia em Angola e cursa teologia em BH. Ele gosta muito da culinária e da religiosidade do povo brasileiro que é muito devoto. Para ele, é muito enriquecedora a experiência de morar em outros países e conhecer culturas diferentes. Conversar com ele é se enriquecer com histórias vindas do outro

Jovens seminaristas contam como é a escolha de dedicar a vida ao sacerdócio

A fé em Cristo e o serviço e aos irmãos motivam os sonhos dos futuros padres

lado do atlântico. Reny sente saudade de casa e da família: “Mas quando se tem um objetivo maior, isso supera.” Para os futuros padres, alguns próximos, outros distantes da ordenação sacerdotal, o amor a Deus vai além de palavras: é uma decisão de dedicar a vida a Ele.

Padre André Erick vice-reitor do Seminário Arquidiocesano Coração Eucarístico de Jesus conta que é um privilégio poder conviver com os jovens e ver como eles são generosos e cheios de dons. Para ele, é muito importante dar aos jovens um bom testemunho de serviço e de discípulo de Jesus. É uma grande responsabilidade ajudar a formar novos padres, o futuro da Igreja. Ele cita uma reflexão do arcebispo de Belo Horizonte, Dom Walmor, que diz que o padre tem que

ser vértice entre o mistério Santo de Deus e as pessoas. “A missão do padre é testemunhar, apresentar Jesus Cristo e ajudar as pessoas a conhecê-lo e fazer uma experiência dele. Só uma coisa leva os jovens a doar a vida a serviço de Deus: o amor. Um amor estável, algo que não passa. Um amor profundo a nosso Senhor, que o faz escolhê-lo e fazer dele, de fato, a sua vida.” Para formar um padre são necessários em média, oito anos. Um ano de pro-

pedêutico (introdução à vida comunitária), três anos de filosofia para a formação humana e intelectual, chamada de etapa discipular, e quatro anos de teologia na etapa de configuração para formar virtudes como: amor, verdade, bondade, compaixão, misericórdia, o espírito de serviço, a caridade fraterna, obediência, o desejo de realizar a vontade do Pai e se consagrar de modo estável a essa vida. Formar um coração de pastor e de um outro Cristo.



RAQUEL MARIA

No Seminário vivem em média 60 seminaristas



Operação comunitária policial na praça Sete

Víctor Kauffmann . 3ºp
Ana Paula Valentim . 3ºp
Leticia Oliveira . 8ºp
Felipe Gomes . 8ºp

Nos últimos anos, os casos de violência envolvendo policiais têm se tornado um desafio crescente em Belo Horizonte, assim como em muitas cidades brasileiras. Incidentes como confrontos durante operações policiais, abusos de poder e uso excessivo da força tem provocado indignação na população, que exige respostas das autoridades. De acordo com informações obtidas por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI), nos últimos seis anos, 747 pessoas perderam a vida em operações da Polícia Militar (PM) em Minas Gerais.

Ocorrências de agressões e mortes, em que familiares e

testemunhas alegam ter ocorrido erros e excessos durante as abordagens, tornaram-se comuns na capital mineira. De acordo com Eduardo Pinheiro Ventura (47), morador do Aglomerado da Serra, as operações policiais visam principalmente as pessoas de pele negra e de classes sociais mais baixas. “Eu não sei o motivo, não sei se é por cautela do preconceito com a pele. Isso realmente é fato, não tem como a gente negar isso. (...) A gente que convive aqui, todo dia vê situações assim”.

Apresentadores de batalha de rima, também têm suas vidas marcadas por episódios de abuso policial. Jonas (26) e Taynan (21), conhecidos no hip hop em Belo Horizonte como Donjhon e TH, evidenciam a realidade enfrentada também, por aqueles que, além de serem negros, são periféricos. “Sempre o que eu pre-

Relatos de abusos e racismo estrutural revelam desafios nas periferias de BH

Capital mineira enfrenta uma crescente onda de violência policial. Nos últimos anos, mais de 700 pessoas morreram em operações da Polícia Militar no estado

sencie e o que eu vivi foi abuso de autoridade, abuso de poder mesmo”, relata Donjhon, lembrando de momentos em que foi alvo de violência policial, mesmo estando na porta de sua própria casa, no Jardim Alvorada, Belo Horizonte.

Taynan, compartilha experiências semelhantes de abordagens por parte da Polícia Militar, como quando estava na saída de um culto religioso. “A gente estava de boa na porta da igreja conversando e eles vieram com esse papo, botaram a arma na nossa cara, tratando a gente como um bandido em si”, descreve TH, destacando a humilhação e o desrespeito constantes das autoridades.

O Professor de Sociologia e História no Colégio Educar Rede de Pitágoras em Barão de Cocais (MG), Matheus Guerra (38), relata a relação

existente entre o racismo estrutural e as operações policiais nas periferias. “O racismo estrutural acontece já na existência da própria operação, como e onde ela é executada, uma vez que sabemos que nas comunidades e favelas a maioria da população é negra - devido a questões históricas de marginalização com o fim da escravidão - e essas operações geralmente visam o combate ao tráfico de drogas. Uma vez que a produção da droga não acontece no Brasil, não seria mais eficiente concentrar as operações nas fronteiras para que a droga não chegue?”, questiona ele.

Segundo ele, a marginalização dos negros durante e após a abolição da escravidão criou uma estrutura que padronizou a pobreza, fazendo muitos recorrerem ao crime para sobreviver, resul-

tando na criminalização contínua das comunidades negras, apesar das mudanças sociais ao longo dos anos.

A opinião dos moradores das comunidades de Belo Horizonte e dos agentes de segurança pública não é homogênea. Enquanto os participantes de movimentos sociais e culturais têm um claro viés crítico em relação à polícia, relatando histórico de injustiça por parte dos profissionais, há moradores que se sentem mais seguros com

a presença dela. Segundo o 2º Sargento, “a corporação tem um código de ética muito rígido por sinal. Qualquer atitude do policial militar que vá contra as leis ou contra o que prega o código de ética, seja em abordagens ou qualquer tipo de intervenção, essa atitude é apurada e após a apuração, havendo provas e o policial tendo de fato agido erroneamente, ele é punido conforme o código de ética”, completou.

Entrada de comunidade na Avenida Silva Lobo



Belo Horizonte reafirma seu reinado como CAPITAL DOS BARES

Uma breve história sobre a construção, evolução e reconhecimento de um dos maiores e mais importantes patrimônios da capital mineira

Breno Carvalho . 3ºp
Pedro Caliman . 3ºp

De acordo com um estudo feito em 2023 pela Abrasel (Associação Brasileira de Bares e Restaurantes), Belo Horizonte pode ser oficialmente chamada de capital dos bares, muito por conta da relação quase simbiótica entre a cidade e os diversos bares, botecos, botequins, tabernas, bitacas e bodegas que a integram. Os dados apontam 4.136 estabelecimentos registrados como bares na capital mineira. São 178 bares para cada 100 mil habitantes e 12,5 bares por quilômetro quadrado. São médias muito acima de qualquer outra capital no Brasil, como Florianópolis/SC e Vitória/ES, ranqueadas em segundo e terceiro lugar, respectivamente.

"Belo Horizonte não tem praia, então o beloizontino vai pro bar. É uma cidade em que o tempo de permanência nos bares também é maior que nas outras cidades. As pessoas vêm pro bar e ficam quatro, cinco horas", afirma Luiz Fernando Palhares, um dos sócios-proprietários do premiado Café Palhares, localizado no centro da capital mineira.

Segundo dados levantados pela Prefeitura de Belo Horizonte a partir de estatísticas do IBGE, a grande maioria dos bares e botecos da capital está localizada na região central da cidade, seguido da região da Savassi e, posteriormente, pelos bairros de Santa Efigênia, Barro Preto e Lourdes.

Belo Horizonte foi fundada em 1897, após uma decisão do Governo do Estado de Minas Gerais de transferir a capital, que até aquele momen-

to era Ouro Preto, para uma nova localidade que trouxesse maior viabilidade de acesso e saída e alternativas de desenvolvimento urbano. Os primeiros bares da capital mineira datam do final da década de 1900 e início da década de 1910, de acordo com documentos da prefeitura. O Bar do Ponto, que era localizado na Av. Afonso Pena, abriu em 1907 e ficou em funcionamento até o fim da década de 1930, tendo servido como refúgio para grandes personagens da história de Minas Gerais, como o escritor Carlos Drummond de Andrade e o político Milton Campos.

Enganam-se aqueles que pensam que os primeiros bares da capital mineira ficaram por aqueles tempos e não existem mais. Além do Café Palhares, aberto em 1938, um exemplo vivo é o centenário Bar do Orlando, localizado no cora-

ção do bairro de Santa Tereza. "Quase junto à fundação de Belo Horizonte já estávamos de portas abertas, lá atrás, como o antigo Bar dos Pescadores, fundado pelo boêmio e carnavalesco Sr. Zé Inácio. Ou seja, Belo Horizonte já carrega a tradição de ser uma cidade de bares, desde sua juventude. Pra gente é maravilhoso poder compartilhar e estar marcado como o bar mais antigo em funcionamento na capital", explica Orlando Junio, filho do Seu Orlando, que dá nome ao bar, e atual proprietário da casa. Aberto desde o ano de 1919, o Bar do Orlando, apesar de ser o bar mais antigo em funcionamento em Belo Horizonte, conseguiu se aperfeiçoar e sobreviveu ao teste do tempo. "O Bar do Orlando vem ao longo dos anos se modificando, implantando sempre uma pitada de modernização e tecno-



Fachada do tradicional Café Palhares no Centro de Belo Horizonte

logia, porém mantendo a conservação, para não perder espaço", completa Orlando Junio.

Mesmo se tratando de um aspecto já centenário da cultura da capital mineira, a criação e realização de eventos focados na culinária local e na divulgação dos estabelecimentos se mostram cada vez mais importantes para continuar cultivando essa cultura boêmia internamente, além de conseguir expandir essa expressão Brasil a fora. "A culinária mineira é muito boa. Eventos, como o Comida di Buteco, que é o maior concurso gastronômico do Brasil, continuam incentivando muito essa cultura", atesta Luiz Fernando Palhares.

Ao longo do tempo, os bares, que no início eram pontos focados no lazer, voltados a consumidores que buscavam o divertimento após horas e horas de trabalho árduo, evoluíram e ajudaram a cidade a crescer. Passaram de lugares simples de lazer para verdadeiros redutos de rebeldia, resistência e criatividade, porém sempre resistindo aos testes do tempo e mantendo vivas as tradições.

Da coqueteleira para a geladeira: a cultura dos drinks prontos de BH

Bebidas como "Lambe Lambe" e "Jambrunão" têm invadido os bares e mercados de BH e conquistado os mineiros e o Brasil

escolha não apenas realça a biodiversidade do Brasil e de Minas Gerais, mas também ressalta o compromisso com a sustentabilidade e valorização dos recursos brasileiros. Desde frutas típicas, como tangerina ou maracujá, até ervas como capim-limão e especiarias locais, cada elemento não só enriquece o sabor da bebida, mas também conta uma história sobre a origem e identidade da região. "As madeiras que a gente usa para envelhecimento são madeiras brasileiras. Eu sou uma pessoa que até gosto do envelhecimento no Carvalho, que é o barril, mas a madeira gringa eu não quis usar. Ai, as duas madeiras que eu uso são brasileiras", afirma a criadora do "Jambrunão", Bruna Brandão. Já no contexto social, os beloizontinos têm buscado opções mais

práticas que se adequem às suas rotinas agitadas para que, quando for o momento de estarem com os amigos e aproveitarem, não gastem tempo em coisa ruim.

Esses hábitos de consumo do público podem ser influenciados pela tradição, modernidade e diversidade, e o Mercado Novo reúne esses três pontos no lugar mais frequentado de BH. Sendo um point de RTD's, o Mercado impactou positivamente nesse nicho comercial, e que acabou se tornando tendência entre as faixas etárias de jovens universitários e adultos. "Eu acho que é uma novidade muito boa e promissora, porque é prático e você encontra em qualquer lugar", afirma Luiza Valadares, 24 anos, consumidora do Lambe Lambe.

Para a "Lambe Lambe", o

Carnaval de 2024 serviria de vitrine para a bebida, considerando que foi a primeira vez que a marca conseguiu envasar o produto. De acordo com a sócia da marca, Kalinka Campos, o plano era vender 25 mil latas de um estoque de 150 mil, mas, na prática, quase todas as 500 mil latas produzidas foram vendidas. O que não foi vendido na rua foi vendido para uma rede de supermercados em lotes fechados. "O carnaval levou a Lambe Lambe para outro patamar", celebra Kalinka. É a partir de visões de marcas como a "Jambrunão" e a "Lambe Lambe" e de um movimento de jovens que querem estar dispostos a sair e ter um bom tempo, mas com simplicidade e praticidade, que se construiu um movimento de renovação cultural na cidade. O Brasil é considerado um for-

te candidato a ter cada vez mais influência nesse nicho comercial, visto que o país tem grande influência atuante nesse mesmo setor.

As empresas de drinks prontos estão respondendo a esse movimento, investindo em opções que combinam a excelência dos coqueteis artesanais com a praticidade de uma bebida pronta para consumo, cativando um público que valoriza tanto a tradição quanto a inovação. Kalinka destaca a importância de criar um ambiente inclusivo, em que todos se sintam acolhidos, independentemente de sua origem ou crença. "A gente queria que fosse mais que uma marca de bebidas. A gente queria que fosse um estilo de vida, que as pessoas olhassem e enxergassem mais do que uma bebida de fim de semana ou de rolê."



Mercado Novo se destaca na cena cultural jovem de Belo Horizonte

Beatriz Rodrigues . 3ºp
Flávia Miranda . 3ºp
Isadora Direne . 3ºp
Júlia Nicolau . 3ºp
Manuela Halfeld . 3ºp

Belo Horizonte tem observado uma transformação no consumo de bebidas, especialmente no que diz respeito aos drinks prontos. Conhecidos como "ready to drink" (RTD), esses coqueteis pré-preparados oferecem uma combinação de praticidade e sabor, apresentados em embalagens prontas para serem degustados sem necessidade de preparo adicional. No Carnaval de 2024, hou-

ve um grande boom na venda dessas bebidas, sendo que a capital mineira se destacou com um vasto catálogo de opções. Entre os mais queridos pelo público, estão o "Lambe Lambe", "Xeque Mate" e "Jambrunão". Esse movimento é tamanho que, segundo pesquisa realizada pela InsightAce Analytic, divulgada pela Forbes, as RTD's movimentaram mais de 30 bilhões de dólares em escala global, no ano passado, e a tendência é de crescimento

Muitos dos drinks prontos apresentam uma combinação de ingredientes nacionais e locais no processo de produção. De acordo com as marcas "Lambe Lambe" e "Jambrunão", essa



(31) 3319 4920

@jornalmarco

jornalmarcodrive@gmail.com

Acesse a nossa página no Instagram, onde você confere, em primeira mão, as novas edições do Jornal MARCO, pautas para produção e muita informação.